

ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA

GUIA PARA COBERTURA JORNALÍSTICA



Realização



Apoio



**“O APOIO À ADAPTAÇÃO
E À RESILIÊNCIA É UM
IMPERATIVO MORAL,
ECONÔMICO E SOCIAL”**

ANTONIO GUTERRES,
Secretário-Geral das Nações Unidas

ÍNDICE

Apresentação Adaptação: histórias que precisam ser contadas.....	6
Adaptação: que pauta é essa?.....	8
Dados sobre Adaptação	10
Números da Adaptação	12
Percepções sobre Adaptação hoje	14
Be-a-bá da Adaptação.....	18
10 mitos sobre Adaptação.....	24
5 armadilhas na cobertura	30
4 passos para reposicionar a pauta.....	32
Sugestões de pauta por editoria	34
Bons exemplos ao redor do mundo	54
Vozes: quem ouvir.....	70
Quem pauta Adaptação Climática.....	80
Materiais úteis	83
Como cobrir Adaptação na COP30	84
Olá, eu sou a Noa.....	97
Créditos.....	98

APRESENTAÇÃO

ADAPTAÇÃO: HISTÓRIAS QUE PRECISAM SER CONTADAS

Temporais que colapsaram o Rio Grande do Sul. Seca recorde assolando a Amazônia. Queimadas devastadoras no Pantanal. Fora do Brasil, ondas de calor na Europa, furacões na América do Norte, tufões na Ásia. O Jornalismo registra em suas manchetes o escalar das catástrofes relacionadas à mudança do clima. Próximo de 1,5°C mais quente em relação ao período pré-industrial, o mundo já é outro, com impactos e desigualdades que vulnerabilizam pessoas, ecossistemas e economias. Ainda que todos os esforços para reduzir as emissões de gases do efeito estufa (GEE) e conter o aquecimento global funcionem imediatamente, já ultrapassamos os padrões de vida que conhecíamos.

A margem das notícias ruins, em todas as partes, pessoas, comunidades, negócios, países estão se adaptando, fortalecendo-se para sobreviver e viver melhor num planeta já mais quente. **Mas hoje a cobertura jornalística sobre a agenda de Adaptação está restrita a lacunas e desastres.** Diante de eventos extremos que se repetem, é preciso sair do “modo emergência” para pautar, debater e apontar soluções que se antecipem ao caos e reduzam o impacto e a magnitude das respostas quando a crise explode – da dor dos atingidos ao orçamento despendido.

O Jornalismo pode seguir noticiando os eventos extremos agravados pelo clima até que as tragédias sejam cotidianas e deixem de ser notícia. Ou pode, como em outros momentos históricos, desempenhar um papel relevante na formação da agenda pública, evidenciando alternativas e destacando os agentes capazes de conduzir a transformação urgente e necessária. Como guardião do interesse público, a imprensa tem também a responsabilidade de acompanhar a implementação dos compromissos assumidos e avaliar seus resultados.

A COP30 é a oportunidade para transformar a cobertura jornalística sobre Adaptação. Elevada às manchetes e atravessando todas as editoriais, a prioridade dada à agenda pela Presidência brasileira da conferência tem grandes chances de se tornar um legado político.

O Instituto Talanoa reconhece o poder e a responsabilidade da imprensa nos momentos decisivos da história. Sendo a mudança do clima a maior ameaça de nosso tempo, é inevitável que o Jornalismo carregue a missão de perguntar como as populações serão afetadas, mostrar quem já está agindo para enfrentar o problema e questionar se quem tem a caneta nas mãos está fazendo o suficiente para proteger vidas e promover bem-estar num planeta de clima mais instável.

É preciso que a Adaptação seja reconhecida e compreendida pela população e levada a sério pelos governantes. Esse é um objetivo alcançável somente com jornalistas com conhecimento aprofundado do tema. Este **Guia de Cobertura Jornalística sobre Adaptação** foi formulado com o objetivo de evidenciar a urgência desta pauta, desmistificar narrativas, ampliar compreensões e estimular a reportagem orientada para o interesse público de preservar e melhorar as condições de vida em um contexto de emergência climática. Para nós, “adaptação” se escreve com “A” maiúsculo, em referência à relevância desta agenda que consideramos prioritária.

Este material tem a ambição de guiar pautas nos próximos anos, servindo como bússola para redações jornalísticas de todo o mundo. Com aplicação global e ênfase regional, sabemos que este manual pode evoluir, com potencial de desdobramento aprofundado em diferentes mídias, territórios, culturas e linguagens.

Aqui, profissionais de comunicação encontram dados, sugestões de fontes e pautas sobre Adaptação, além de um caloroso apoio de quem acredita que as soluções para nosso tempo já existem e que o futuro se constrói hoje. E ele pode ser mais justo, equitativo e resiliente, testemunhado e contado diariamente por Jornalistas.

Uma boa leitura e um excelente uso!
Equipe Talanoa.

ADAPTAÇÃO: QUE PAUTA É ESSA?

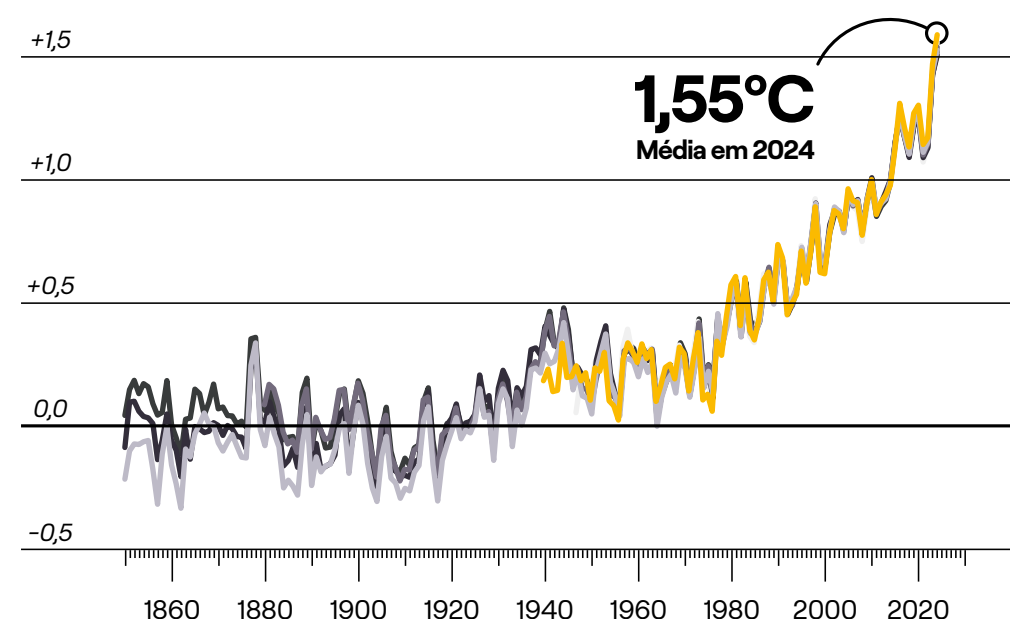
A cobertura de clima nasceu na editoria de ciência, misturou-se à de ambiente, apareceu nas de mundo e de política e dá, cada vez mais, as caras na de economia. De descoberta científica a realidade inegável, o aquecimento global e suas consequências são sentidas por todos. Ainda que uma minoria, algumas vezes poderosa, tente negar, o Jornalismo tem espalhado para o mundo que o clima está mudando pela ação humana, que é preciso abandonar os combustíveis fósseis para frear o termômetro global e que os impactos severos de eventos climáticos extremos cada vez mais intensos e frequentes são fruto de negligência.

Vivemos em 2024 o ano mais quente já registrado – o primeiro com temperatura média global acima de 1,5°C em relação à era pré-industrial (1,55°C maior, com margem de incerteza de $\pm 0,13$ °C; OMM, 2025). E esse não foi um ano isolado. Os dez anos mais quentes foram justamente na última década (2015 a 2024).

Isso não quer dizer que o objetivo estabelecido em 2015 pelo Acordo de Paris, de limitar o aquecimento a 1,5°C, tenha se perdido.

Anomalias anuais de temperatura (média global em relação à média de 1850 a 1900) de seis conjuntos de dados internacionais

● HadCRUT5 ● NOAA GlobalTemp v6 ● GISTEMP ● Berkeley Earth ● JRA-3Q ● ERA5



Fonte: World Meteorological Organization (WMO) e Copernicus Climate Change Service/ECMWF

O compromisso, em linha com a ciência, refere-se a evitar que esse aquecimento se estenda por um período maior, de duas a três décadas.

Ainda estarmos lutando para evitar o limite de 1,5°, acima do qual os cenários climáticos e suas consequências ecossistêmicas se agravam consideravelmente, não significa que já não haja hoje impactos gigantescos da mudança do clima. Mas reforça que, enquanto nos empenhamos em reduzir as causas do aquecimento global – as emissões de gases do efeito estufa (GEE) –, devemos nos preparar para os impactos, muitos dos quais já se apresentam. Isto é, devemos conciliar esforços de Mitigação das emissões e de Adaptação à nova realidade.

O mundo já se mostra menos acolhedor para a maioria de nós. Vivemos rotinas de tempestades, inundações, secas, incêndios florestais, ciclones. A falta de água na lavoura causa perda de safras inteiras, que pesa no bolso e no prato; enquanto o excesso de chuva em outras regiões deixa cidades inteiras debaixo d'água. Na estiagem, hidrelétricas sofrem e a matriz elétrica fica suja pela adição de termelétricas, nos forçando a emitir ainda mais GEE. As ondas de calor afetam o turismo global, as festividades de rua, o ritmo de vida e a saúde do trabalhador comum. O calendário escolar está sufocado entre o calor extremo e o cancelamento de aulas por alagamentos e também pela necessidade de as escolas virar abrigos.

Porém, a conversa não pode ficar presa ao risco da tragédia e à dor das perdas. Populações vulnerabilizadas já mostram exemplos de resistência e resiliência e constroem soluções locais com sede de um futuro próspero. Povos da floresta resistem e ampliam seus saberes para reafirmar suas relações com a natureza que já não segue os ciclos que conheciam. Empreendedores e até setores inteiros vislumbram oportunidades na urgência de se construir novos paradigmas de ocupação das cidades.

O planeta mais quente já exige ações humanas de redução de danos, sobrevivência e ajustes para salvar ou melhorar nossa qualidade de vida. Tudo isso em um mundo que ainda luta contra a desigualdade social e precisa pensar em soluções de justiça climática que atendam populações diversas de forma equitativa. Um desafio gigante que precisa ser urgentemente encarado e reportado.

ADAPTAÇÃO: Nos sistemas humanos, o processo de ajuste ao clima atual ou esperado e a seus efeitos, de modo a moderar danos ou explorar oportunidades benéficas. Nos sistemas naturais, o processo de ajuste ao clima atual e a seus efeitos; a intervenção humana pode facilitar o ajuste ao clima esperado e a seus efeitos. (IPCC, 2022)

DADOS SOBRE ADAPTAÇÃO

A cobertura jornalística sobre Adaptação Climática está aquém da urgência e da relevância que o tema vem exigindo. A carência e a dispersão das informações, critérios e indicadores de Adaptação tornam o trabalho do jornalista mais difícil. Dados espalhados e incompletos, muitas vezes inacessíveis, tornam o monitoramento – característica fundamental do fazer jornalístico – uma missão quase impossível.

O desafio vai além da simples existência de dados: é preciso dispor de acesso a séries históricas robustas e metodologicamente consistentes, com granularidade espacial e social. Sem isso, fica difícil cruzar cenários climáticos com impactos em diferentes dimensões (geoespacial, socioeconômica, racial, de gênero etc.) que são fundamentais para orientar a cobertura sobre o tema.

Os indicadores para o Objetivo Global de Adaptação (GGA, na sigla em inglês), em negociação desde a COP28, em 2023, em Dubai, podem contribuir para orientar jornalistas na coleta de dados para subsidiar pautas de Adaptação e tornar a cobertura menos reativa e mais propositiva. Na COP30, em Belém, deverão ser definidos 100 indicadores, após um processo que começou com quase 10 mil. Distribuídos em metas temáticas e transversais, são excelentes norteadores para conteúdos em setores diversos – de habitação e infraestrutura a saúde e cultura.

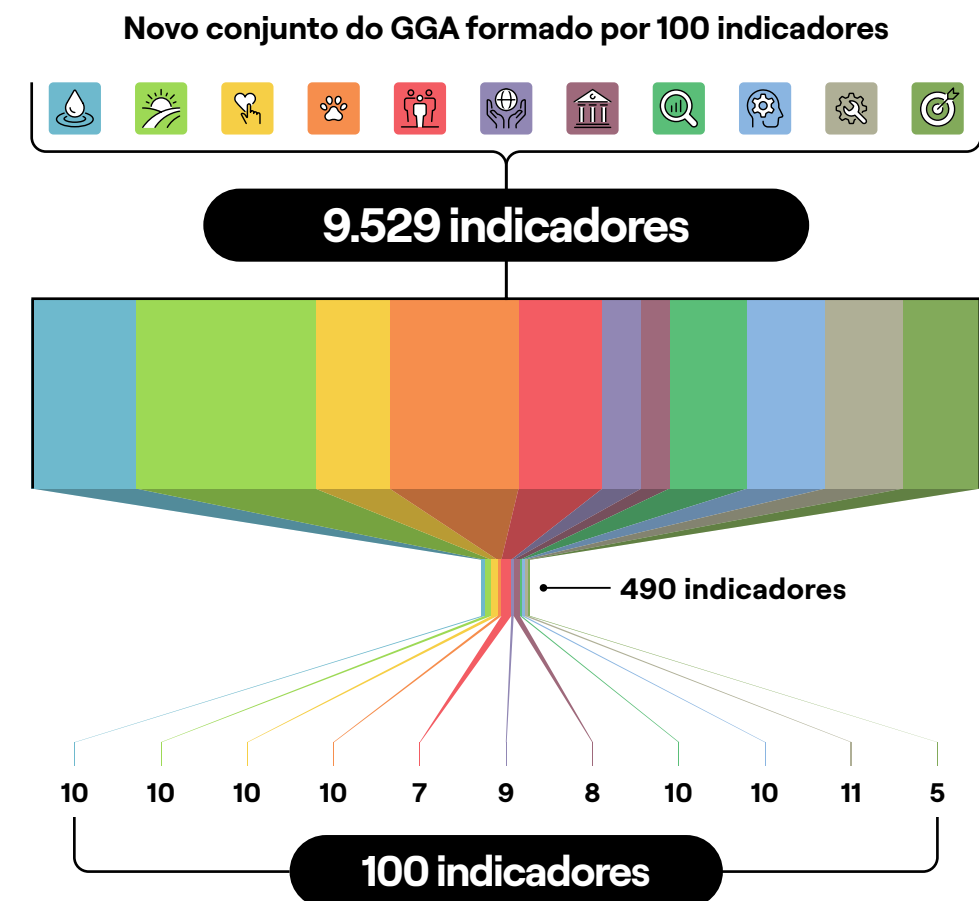
O GGA reúne 11 metas: 7 temáticas, voltadas a setores vulneráveis como água, saúde, alimentos e infraestrutura, e 4 dimensionais, ligadas ao ciclo da Adaptação

METAS TEMÁTICAS

-  Abastecimento de água e saneamento
-  Alimentação e agricultura
-  Impactos em saúde e serviços de saúde
-  Ecossistemas e biodiversidade
-  Infraestrutura e assentamentos humanos
-  Erradicação da pobreza e meios de subsistência
-  Patrimônio cultural e conhecimento tradicionais

METAS DIMENSIONAIS TRANSVERSAIS

-  Impacto, vulnerabilidade e avaliação de riscos
-  Planejamento
-  Implementação
-  Monitoramento, avaliação e aprendizagem



Anualmente, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma, conhecido na sigla em inglês por Unep) lança em novembro, portanto, próximo à COP, seu relatório **Adaptation Gap**, que avalia o progresso em planejamento, financiamento e implementação das ações de Adaptação.

O **Comitê de Adaptação** da UNFCCC traz publicações sobre o tema e tem um **portal interativo** com informações sobre como estão os países em relação a essa agenda. Apesar de não ter uma navegação amigável e estar em inglês, pode ser um bom ponto de partida para buscar documentos e dados de outros países. Há também uma **lista de portais** que trazem informações sobre Adaptação.

No Brasil, a **plataforma AdaptaBrasil**, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), traz índices e indicadores de risco climático em setores estratégicos: recursos hídricos, segurança alimentar, saúde, infraestruturas portuária, ferroviária e rodoviária, desastres geo-hidrológicos, segurança energética e biodiversidade.

NÚMEROS DA ADAPTAÇÃO

OS IMPACTOS SÃO UMA REALIDADE DIÁRIA

1 em cada 5 pessoas 

NO MUNDO JÁ SENTE FORTES IMPACTOS CLIMÁTICOS TODOS OS DIAS



A TRANSIÇÃO PARA LONGE DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS TAMBÉM REQUER ADAPTAÇÃO

Em 2024, o calor extremo provocou um aumento na demanda por refrigeração, responsável por **50% do pico de emissões no setor elétrico**. Sem Adaptação, a própria transição energética se torna mais frágil

A DEMANDA PÚBLICA CRESCENTE

- 55% das pessoas no mundo querem que os governos façam mais para lidar com ondas de calor
- No G20, o maior motivador para a ação climática é proteger a próxima geração – “depois é tarde demais”

HÁ IMPULSO POLÍTICO, MAS POUCO NOTICIADO

- 171 países (87% dos membros da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima – UNFCCC) já têm pelo menos um plano nacional de Adaptação
- 71% dos ministérios da Fazenda dizem estar “particularmente preocupados” com riscos climáticos físicos

OS CUSTOS DA INAÇÃO ESTÃO AUMENTANDO

-  **US\$ 2 trilhões: perdas econômicas globais entre 2014–2023**
-  **Só em 2024, mais de US\$ 320 bilhões, quase 40% acima do “padrão”**
-  **Apenas no 1º trimestre de 2025, US\$ 162 bilhões**
-  **Até 2050, os danos climáticos podem eliminar até 18% do PIB global se a Adaptação e a Mitigação falharem**



A ADAPTAÇÃO TRAZ RETORNO

US\$ 1 investidos **► US\$ 10** em benefícios

- ✓ Danos evitados
- ✓ Riscos reduzidos
- ✓ Saúde e empregos melhorados
- O investimento de US\$ 2 bilhões do Brasil em estradas resilientes deve evitar perdas de US\$ 47 bilhões
- Sistemas de alerta precoce reduzem a mortalidade em seis vezes
- Casas construídas sob códigos resilientes apresentam 50% menos inadimplência hipotecária após furacões

A VULNERABILIDADE DESIGUAL É EVIDENTE, MAS A ADAPTAÇÃO ESTÁ VIVA NO TERRITÓRIO



Países em desenvolvimento enfrentam uma mortalidade 7 vezes maior por desastres relacionados ao clima em comparação com países ricos

Mulheres, comunidades tradicionais, afrodescendentes e grupos de baixa renda são desproporcionalmente afetados e muitas vezes lideram soluções. No Brasil, povos tradicionais, como quilombolas, indígenas e ribeirinhos, atuam como agentes permanentes de Adaptação: promovem segurança alimentar, conservação e conhecimentos ancestrais

Fontes: Aviva, Banco Mundial, Climate Central, Coalition of Finance Ministers/LSE, CoreLogic, Yale, Potential Energy Coalition, IEA, Swiss Re, UNFCCC, WMO e WRI

PERCEPÇÕES SOBRE ADAPTAÇÃO HOJE



AMÉRICA LATINA

Público pragmático e pró-Adaptação: **88%** querem medidas governamentais mais rígidas; 70% dizem que o clima já afeta renda/meios de vida; 54% acham que podem precisar se mudar, um sinal claro para investir em proteção que reduza pressão por deslocamento. No Brasil, **cerca de 90%** querem fundos nacionais para ação climática nas cidades; 80% apoiam resfriamento urbano (árvores/áreas verdes) e gestão de águas pluviais; **66%** apoiam gasto público em soluções baseadas na natureza (restauração de florestas/áreas úmidas).



ÁSIA

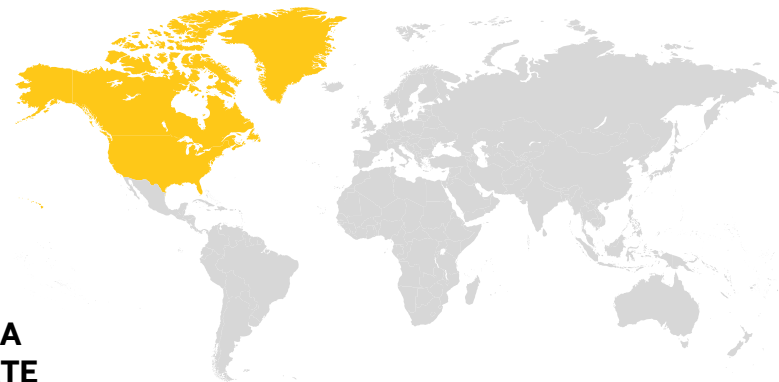
Cidadãos se sentem **mais preparados do que a média global** para enfrentar desastres: cerca de 74% dizem ter recebido alertas antecipados de eventos recentes e 62–67% afirmam ter planos domésticos ou sentir que podem se proteger em caso de desastre.

Ainda assim, **lacunas** permanecem: apenas 11% dos domicílios na Ásia têm alta capacidade adaptativa, enquanto 28% estão em baixa, segundo estudo comparativo. Em nível institucional, cerca de **35% das cidades da Ásia-Pacífico** já estabeleceram metas de Adaptação Climática e 56% possuem ou estão desenvolvendo estratégias locais, mas o **financiamento necessário** (US\$ 102–431 bi/ano) segue muito acima do comprometido.



AUSTRÁLIA E PACÍFICO

A Adaptação já está em prática e é escalável em várias ilhas. Na Micronésia e Melanésia, relatórios regionais indicam que muitas famílias já recorrem a medidas autônomas de Adaptação como mudar plantações, elevar casas e armazenar água, mas em contextos de alta vulnerabilidade e baixa capacidade fiscal. Na Polinésia, há exemplos como nas **Cook Islands**, onde 38% das famílias instalaram caixas d'água e 20% filtros; em defesa contra cheias, 12% melhoraram drenagem, 6% reforçaram telhados e 9% estruturas. Em **Kiribati**, um em quatro lares foi afetado por desastres no último ano, com danos generalizados à moradia, colocando urgência para defesas costeiras, água segura e alertas. Na Austrália, **66%** dizem que eles ou familiares já sofreram dano direto por extremos climáticos, e governos locais ampliam respostas como centros de resfriamento e infraestrutura de drenagem, embora a coordenação ainda seja desigual. Na **Nova Zelândia**, pesquisas mostram 61% defendendo foco em reduzir riscos para conter alta nos seguros — apetite por Adaptação orientada a desastres recentes.



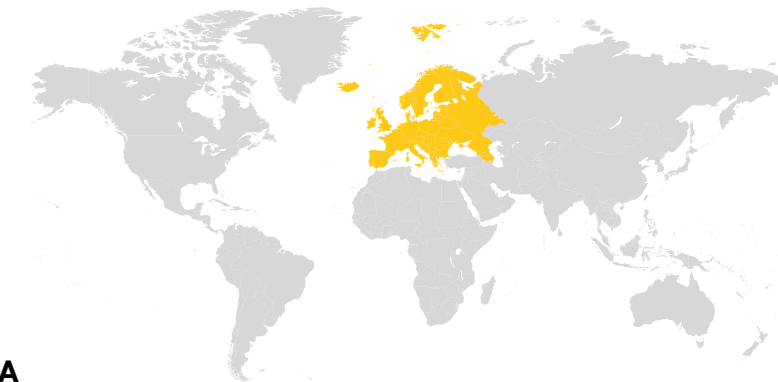
AMÉRICA DO NORTE

Nos EUA, **48%** acreditam que o aquecimento global será uma séria ameaça ao longo da vida e a maioria dos que já enfrentaram eventos extremos relaciona-os à mudança do clima, ou seja, um gatilho para demanda por Adaptação em nível local. Ao mesmo tempo, **pesquisas** mostram que a percepção de risco sobe significativamente entre quem já sofreu com ondas de calor, incêndios ou inundações, fortalecendo apoio a políticas de resiliência. No Canadá, **diferentes pesquisas** mostram que mais de **60%** reconhecem que a mudança climática é causada principalmente pela atividade humana, sustentando a legitimidade para planos nacionais e municipais de Adaptação.



ÁFRICA

Em média **51%** ouviram falar de mudança do clima (com queda de 7 p.p. desde 2016-18), mas entre os que conhecem o tema **72%** dizem que a crise já torna a vida “pior” e **74%** defendem que os governos ajam agora, mesmo com custos. Em países como Sudão, metade sofreu com enchentes mais severas na última década. Prioridades: ampliar sistemas de alerta precoce/obras de drenagem, combinados com programas agrícolas e de água.



EUROPA

94% dizem que é importante seu país se adaptar à mudança climática e **metade** (50%) defende que isso seja prioridade nacional; 85% apoiam investir já em Adaptação para evitar custos futuros maiores. Nas cidades, 51% já têm planos de Adaptação — um salto em relação a 2018, mas ainda limitado diante da aceleração dos extremos. Evidência de apetite social e base técnica para ampliar retrofit de habitação, alertas de calor e redes de resiliência locais.



ORIENTE MÉDIO E NORTE DA ÁFRICA

Pesquisas mostram que, para a população, os maiores problemas ambientais sentidos são poluição da água, resíduos e qualidade do ar — a mudança do clima aparece em **quarto** lugar, o que revela uma percepção **fragmentada** dos riscos. Ainda assim, governos como Egito e Marrocos já elaboraram planos de Adaptação, embora a execução seja insuficiente. **Relatórios** internacionais apontam falhas em infraestrutura hídrica, defesas contra extremos e sistemas de alerta, além de barreiras institucionais que atrasam a entrega. Há **lacuna** crítica de comunicação: muitas medidas são enquadradas como meio ambiente.

BE-A-BÁ DA ADAPTAÇÃO

ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA

Processo de ajuste aos impactos atuais ou esperados das mudanças climáticas, com o objetivo de reduzir vulnerabilidades e aumentar a resiliência de comunidades, ecossistemas e economias. A Adaptação pode envolver mudanças em práticas, infraestruturas e políticas para mitigar os efeitos negativos e aproveitar oportunidades que possam surgir devido às alterações climáticas. (IPCC, 2014). Adaptação é meio, resiliência é fim.

ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA ANTIRRACISTA*

É o enfrentamento às desigualdades raciais, de gênero, geracionais, sociais, regionais e territoriais, a partir de um conjunto de políticas públicas estruturantes, interseccionais e intersetoriais. Essas políticas devem ter como foco assegurar o bem viver, a proteção das vidas vulnerabilizadas e a conservação dos biomas, através de medidas estruturais e emergenciais que reduzam o impacto dos eventos climáticos extremos para as populações mais vulnerabilizadas.

ADAPTAÇÃO TRANSFORMATIVA

Refere-se a medidas que resultam em mudanças significativas na estrutura e nas formas como vivemos e interagimos com o meio ambiente, para além do ajuste de práticas já existentes, característica da Adaptação incremental. A Adaptação transformativa provoca mudanças profundas e de longo prazo na sociedade, abrangendo transformações nos valores, nas visões de mundo e nas estruturas sociais, econômicas e ambientais.

FUNDO DE ADAPTAÇÃO (AF)

Foi estabelecido em 2001 sob o Protocolo de Kyoto para financiar projetos de Adaptação em países em desenvolvimento que são parte do Protocolo e são particularmente vulneráveis aos efeitos adversos das mudanças climáticas. O fundo recebe uma parte dos recursos do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo do Protocolo, correspondente a 2% das Reduções Certificadas de Emissões emitidas sob esse mecanismo.



MALADAPTAÇÃO

Refere-se a estratégias, ações ou políticas de Adaptação Climática que, em vez de reduzir vulnerabilidades, acabam agravando os impactos negativos das mudanças climáticas a longo prazo. Essas ações podem aumentar o risco de futuros danos, transferir vulnerabilidades para outros grupos ou regiões, ou resultar em custos sociais, ambientais ou econômicos indesejados.

OBJETIVO GLOBAL DE ADAPTAÇÃO (GGA)

O Objetivo Global de Adaptação foi estabelecido pelo Acordo de Paris para aumentar a capacidade adaptativa, fortalecer a resiliência e reduzir a vulnerabilidade às mudanças climáticas, garantindo uma resposta adequada para limitar o aquecimento global. Para isso, o GGA propõe a medição do progresso por meio de indicadores que mensuram como os países estão melhorando sua capacidade de enfrentar riscos climáticos, fortalecendo sua resiliência e reduzindo os danos. A lista inicial de indicadores discutida por especialistas foi apresentada em Bonn (2025), sua versão consolidada, com 100 indicadores, será discutida e definida na COP30.

PERDAS E DANOS

Dizem respeito aos impactos inevitáveis e/ou irreversíveis das mudanças climáticas, que ocorrem apesar dos esforços de Mitigação e Adaptação. Abrange tanto impactos socioeconômicos, como perda de meios de subsistência, colheitas, propriedades, que podem ser quantificados em termos monetários, como aspectos não econômicos, como a perda de vidas, saúde, direitos, biodiversidade, serviços ecossistêmicos, conhecimentos indígenas e de povos e comunidades tradicionais e patrimônio cultural, já que essas perdas não podem ser facilmente atribuídas a um valor financeiro.

FUNDO DE PERDAS E DANOS

Demanda histórica de países insulares, o Fundo de Perdas e Danos foi criado na COP27 e oficialmente operacionalizado na COP28, em Dubai, para apoiar países vulneráveis na recuperação dos impactos inevitáveis e irreversíveis das mudanças climáticas, tanto econômicos quanto não econômicos.



Ele financia a recuperação de perdas como meios de subsistência, propriedades, saúde, biodiversidade e patrimônio cultural. O fundo recebe contribuições voluntárias de países desenvolvidos, mas também incentiva a participação de países em desenvolvimento (IDR, 2024).

PLANOS NACIONAIS DE ADAPTAÇÃO (NAPs)

Planos Nacionais de Adaptação são uma ferramenta nacional fundamental para planejar medidas de Adaptação a médio e longo prazo. No âmbito da UNFCCC, os NAPs devem ser apresentados em consonância com indicadores do GGA e com os componentes de Adaptação de suas NDCs. Há consenso sobre a importância da integração dos NAPs com planos nacionais de desenvolvimento mais abrangentes. Até setembro de 2025, 65 países submeteram Planos Nacionais de Adaptação para a UNFCCC. Enquanto o GGA estabelece o prazo até 2030 para elaboração de NAPs ambiciosos, o GST insta às Partes para que submetam seus NAPs até 2025 e avancem em sua implementação até 2030. Essas diferenças na linha do tempo podem impactar o monitoramento do avanço da agenda de Adaptação. Nesse sentido, os NAPs constituem importante meio de mobilização e captação de recursos dos mecanismos financeiros da UNFCCC, como o Green Climate Fund, Adaptation Fund e o Global Environment Facility.

RESILIÊNCIA

Resiliência é o destino de quem se adapta às mudanças climáticas. Refere-se à capacidade de se preparar, responder e se recuperar dos impactos de eventos climáticos extremos ou de longa duração, minimizando os danos ao bem-estar social, à natureza e à economia. É um conceito complementar ao de Adaptação Climática, já que a Adaptação, se bem planejada e executada, pode elevar a resiliência, ou do contrário, diminuí-la. Assim, construir resiliência exige uma abordagem multidimensional e holística, visando fortalecer capacidades sociais, humanas e naturais de ecossistemas, territórios e comunidades.



10 MITOS SOBRE ADAPTAÇÃO

1 ADAPTAÇÃO É PARA QUEM DESISTIU DE MITIGAÇÃO

Adaptação não é substituto da Mitigação. Cortar emissões continua sendo indispensável para evitar os piores cenários da mudança do clima. E mesmo que consigamos limitar o aquecimento a 1,5°C, ainda teremos mais inundações, ondas de calor e perdas de ecossistemas. Por isso, **precisamos das duas estratégias ao mesmo tempo**: Mitigação para frear o problema, Adaptação para lidar com os impactos inevitáveis.

Além disso, a própria Mitigação depende de Adaptação. Em 2024, ondas de calor elevaram tanto a demanda por refrigeração que responderam por 50% do crescimento das emissões do setor elétrico mundial (IEA). Sem redes elétricas preparadas para o calor extremo e sem eficiência em refrigeração, os ganhos de Mitigação se perdem. O mesmo vale para estradas, portos e habitação: se não forem resilientes, a transição energética fica vulnerável a desastres e não se sustenta. Em um mundo que já aqueceu, Adaptação não é desistência, entreguismo ou derrotismo. Ela é a condição para que a Mitigação funcione.

2 CONSEGUIREMOS NOS ADAPTAR A 4°C DE AQUECIMENTO GLOBAL

A Adaptação tem limites. Já hoje, com cerca de 1,3°C de aquecimento, os limites de Adaptação estão sendo ultrapassados em diferentes lugares, como recifes de coral que não resistem a ondas de calor marinhas sucessivas, cultivos que não suportam secas prolongadas, comunidades costeiras que perdem território para o avanço do mar.

Segundo o IPCC, a cada fração de grau adicional, a eficácia das medidas de Adaptação diminui. Há cenários em que a Adaptação é possível: em torno de 1,5°C, podemos reduzir riscos significativos se agirmos com rapidez e escala. Em 2°C, os custos aumentam muito e alguns limites se tornam intransponíveis. A partir daí, o espaço de Adaptação se reduz significativamente: não há infraestrutura, tecnologia ou recurso financeiro capaz de evitar crises humanitárias massivas e danos irreversíveis em um mundo com 4°C de aquecimento.

A Adaptação não é ilimitada. Podemos nos adaptar a parte dos impactos em cenários de 1,5°C e, com muita dificuldade, em 2°C. Mas acima disso, apenas perdas cada vez maiores.

3 ADAPTAÇÃO É LICENÇA PARA MANTER OS FÓSSEIS E ATRASAR A TRANSIÇÃO

A Adaptação tem limites claros e não pode ser sequestrada como justificativa para prolongar a dependência de petróleo, gás e carvão. O IPCC mostra que simplesmente não existe Adaptação suficiente a um mundo 3°C ou 4°C mais quente. Transformar Adaptação em “licença para fósseis” é distorcer a realidade: quanto mais demorarmos para cortar emissões, mais cara, difícil e até impossível ela se torna. A própria ciência é clara: só a Mitigação rápida e profunda mantém a Adaptação viável.

Além disso, a transição energética só será bem-sucedida se também for resiliente. Sem Adaptação, o próprio processo de descarbonização fica mais frágil. No Brasil, por exemplo, a redução do volume de chuvas tem pressionado a produção de energia hidrelétricas. Em tempos de seca, o fornecimento de energia é complementado pelo acionamento das termelétricas, que emitem e caminham na direção oposta da transição. Se não adaptarmos o setor de energia ao calor extremo, com eficiência em refrigeração e redes mais robustas, os ganhos de Mitigação se perdem.

O mesmo vale para a infraestrutura. O Brasil investiu US\$ 2 bilhões em rodovias resilientes, evitando cerca de US\$ 47 bilhões em perdas futuras (Banco Mundial). Sem esse tipo de Adaptação, até investimentos em energia limpa ficam comprometidos, já que não chegam aos mercados diante do colapso causado por desastres.

A Adaptação também fortalece os sistemas financeiros. Nos Estados Unidos, casas construídas com códigos de resiliência apresentaram 50% menos inadimplência hipotecária após furacões (CoreLogic). Isso garante estabilidade para bancos e investidores, um requisito essencial para sustentar a transição energética no longo prazo.

Longe de atrasar a transição, a Adaptação é o que a viabiliza: reduz riscos sistêmicos, protege ativos e dá solidez ao caminho rumo a um futuro livre de fósseis.

4 NÃO PRECISAMOS NOS ADAPTAR HOJE. ADAPTAÇÃO É SÓ PARA O FUTURO

Um em cada cinco habitantes do planeta já sente os efeitos fortes das mudanças climáticas todos os dias (Climate Central). Entre 2000 e 2019, desastres relacionados ao clima afetaram em média 3 bilhões de pessoas e causaram perdas econômicas de cerca de US\$ 2,97 trilhões (UNDRR). Em 2024, os desastres custaram mais de US\$ 320 bilhões, quase 40% acima do que antes era considerado “normal”.

E no primeiro trimestre de 2025, já foram contabilizados US\$ 162 bilhões em perdas, sendo US\$ 40 bilhões apenas nos incêndios de Los Angeles Palisades, o evento de fogo florestal mais caro da história.

Os números deixam claro: Adaptação não é algo para depois. Para quem enfrenta secas, enchentes e deslizamentos hoje, a falta de Adaptação já afeta o bem viver.

5 ADAPTAÇÃO NÃO TEM MATERIALIDADE

Desastres climáticos são visíveis porque destroem casas e infraestruturas de uma só vez, mas as medidas de Adaptação muitas vezes passam despercebidas justamente porque funcionam. Sistemas de alerta precoce salvam milhares de vidas silenciosamente. Manguezais restaurados evitam que tempestades causem danos catastróficos. Códigos de construção reduzem colapsos em furacões. A ausência de manchetes não significa ausência de impacto.

O desafio é que Adaptação é menos “espetacular” que um desastre, mas seus efeitos são concretos e mensuráveis. Jornalistas podem ajudar a dar visibilidade a essa materialidade invisível, **mostrando que a Adaptação salva vidas** e reduz perdas todos os dias.

6 APENAS OS MAIS VULNERÁVEIS PRECISAM SE ADAPTAR

É verdade que comunidades vulneráveis economicamente, povos indígenas, moradores de áreas costeiras e agricultores familiares estão entre os mais expostos – mas pensar que só eles precisam se adaptar é enganoso e até perigoso.

Primeiro, porque o clima já afeta infraestruturas críticas e economias inteiras. Se não adaptarmos nossas cidades e sistemas de energia, a transição energética de todos nós fica mais vulnerável.

Segundo, porque países e grupos considerados “menos vulneráveis” também estão pagando a conta. Isso mostra que mesmo em países ricos, quem não se adapta sofre perdas econômicas graves.

Terceiro, porque as cadeias globais de valor nos conectam. Uma seca na Índia ou uma enchente no Brasil podem interromper fluxos de alimentos, insumos e energia que afetam consumidores e empresas no mundo todo. Em outras palavras, a vulnerabilidade é desigual, mas o impacto é compartilhado.

Colocar a Adaptação como problema “apenas dos vulneráveis” é um mito que invisibiliza riscos sistêmicos.

A diferença é que alguns têm mais recursos para se proteger, enquanto outros enfrentam riscos imediatos sem rede de segurança. Negligenciar isso é perpetuar desigualdades e ignorar que os impactos climáticos são, em última instância, sistêmicos.

7 ADAPTAÇÃO É MUITO CARA

O IPCC mostra que muitas medidas de Adaptação são do tipo “sem arrependimento” porque trazem retornos imediatos, como menos perdas econômicas, mais resiliência e co-benefícios ambientais e sociais, mesmo que os impactos climáticos se revelem menos severos do que o previsto.

Melhorar códigos de construção, expandir sistemas de alerta precoce, restaurar ecossistemas costeiros, diversificar fontes de água ou ajustar infraestrutura agrícola são exemplos clássicos: mesmo que os impactos climáticos fossem menores do que o esperado, essas medidas já valeriam a pena pelo aumento de segurança, pela redução de perdas e pela geração de co-benefícios sociais e econômicos.

Na prática, isso significa que Adaptação não é um gasto perdido – é investimento que sempre compensa. Um exemplo é o Vietnã: comunidades que restauraram manguezais reduziram em US\$ 7,3 milhões por ano os custos de manutenção de diques, ao mesmo tempo em que protegeram comunidades contra tempestades e geraram novos meios de vida.

Além disso, a Global Commission on Adaptation calculou que investir em resiliência pode ter taxas de retorno de 2:1 a 10:1. Ou seja: cada dólar investido gera múltiplos de retorno em benefícios econômicos e sociais.

É verdade que os custos da Adaptação aumentam quanto mais o aquecimento global avança. Aqui está o ponto central: os maiores custos não estão em adaptar, mas em atrasar a Mitigação. Se ultrapassarmos 2°C, muitos limites de Adaptação serão rompidos e as soluções se tornarão mais caras, menos eficazes ou até inviáveis. O IPCC é claro: só com Mitigação rápida e profunda conseguimos manter a Adaptação dentro do possível e financeiramente viável.

Portanto, longe de ser “cara demais”, a Adaptação é um investimento inteligente e urgente. O verdadeiro risco está em atrasar a Mitigação porque quanto mais demormos para cortar emissões, mais cara e mais difícil se torna a Adaptação.

8 ADAPTAÇÃO É LOCAL

É verdade que os impactos climáticos se manifestam em lugares específicos, como uma enchente em uma cidade, uma seca numa região agrícola, a erosão de uma costa. Mas dizer que Adaptação é “só local” é reducionista e enganoso:

- A. Impactos locais têm efeitos globais. Uma seca na Índia pode interromper exportações de arroz, afetando preços de alimentos em diversos continentes. Enchentes no Brasil podem paralisar cadeias globais de soja, minério e energia. Ou seja: a falta de Adaptação em um lugar pode repercutir no mundo inteiro.**
- B. A interdependência exige coordenação. Sistemas de energia, transporte, comércio e saúde são globais. Adaptar uma usina ou um porto é um ato local, mas sem redes internacionais de financiamento, seguros, comércio e cooperação, a resiliência não se sustenta.**
- C. A diplomacia do clima reflete isso. O próprio IPCC destaca que a Adaptação tem dimensões locais, nacionais e globais. Não é à toa que países disputam acesso a financiamento internacional para Adaptação: as falhas locais acabam por gerar custos transnacionais.**

A Adaptação começa no território, mas não termina ali. Ela é local na ação e global nas consequências. Tratar Adaptação apenas como “problema local” é outro mito que esconde a interdependência da economia mundial e a necessidade de solidariedade internacional.

9 A QUEDA NAS MORTES POR EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS PROVA QUE A HUMANIDADE ESTÁ SE ADAPTANDO COM SUCESSO

A vulnerabilidade está crescendo até em países ricos – onde se presume que infraestrutura, saúde e redes de proteção sejam suficientes para proteger a população.

Um estudo do NBER analisou 50 anos de dados em 21 tipos de impactos climáticos e mostrou que, em três quartos dos casos, não houve Adaptação real: um furacão ou uma onda de calor hoje causam praticamente os mesmos danos que há décadas, mesmo com mais tecnologia, mais riqueza e supostas proteções.

Existem exceções, mas são poucas: ganhos em milho nos EUA, trigo na Europa e reduções de mortalidade por calor em alguns países europeus; nos EUA, também houve menor relação entre renda e calor, e menos mortes ou crimes violentos associados a ondas de calor. Mas isso representa só 6 dos 21 casos estudados – pequenas vitórias diante de um quadro geral de estagnação.

A implicação é clara: se já estamos enfrentando dificuldades com 1,2°C de aquecimento, os cenários de 2,5 a 3°C até o fim do século podem trazer impactos devastadores, muito além da capacidade de Adaptação atual.

10 O SETOR PRIVADO NÃO TEM INTERESSE NA ADAPTAÇÃO

A ideia de que o setor privado não tem interesse na Adaptação não se sustenta quando olhamos para os incentivos reais. Empresas, bancos e seguradoras já perceberam que investir em resiliência protege seus ativos, reduz riscos e pode gerar retornos concretos. A motivação principal está na proteção de ativos físicos: fábricas, armazéns, estradas, redes de energia. Sem Adaptação, eventos climáticos extremos podem paralisar operações inteiras.

Outro motor de interesse é a continuidade das operações. Cidades inundadas, portos bloqueados ou redes elétricas instáveis interrompem cadeias de suprimento globais. É por isso que o Porto de Roterdã, um dos maiores do mundo, já destinou bilhões para defesas contra a elevação do mar, garantindo que mercadorias sigam circulando mesmo diante de tempestades mais intensas.

Há também um forte componente de gestão de risco financeiro. Isso significa menos risco para bancos e investidores, menores prêmios de seguro e maior estabilidade nos mercados financeiros.

O setor privado se move ainda por competitividade e oportunidades de mercado. Multinacionais como Nestlé e Olam investem em variedades de cacau e café resistentes à seca para garantir a oferta estável de insumos estratégicos. Da mesma forma, empresas de tecnologia e startups já oferecem soluções inovadoras, como o uso de drones para reduzir riscos de enchentes em Camarões, atraindo capital de impacto.

Por fim, há a pressão regulatória e reputacional. Empresas que não incorporam Adaptação ficam expostas a perdas de valor de mercado à medida que investidores e governos exigem planos claros de gestão de riscos climáticos. Já aquelas que se antecipam são vistas como mais seguras, capazes de atrair capital mais barato e de longo prazo.

O retorno sobre investimento na Adaptação é, portanto, evidente. A Global Commission on Adaptation calcula que investir US\$ 1,8 trilhão em cinco áreas-chave até 2030 pode gerar US\$ 7,1 trilhões em benefícios líquidos, considerando desde maior produtividade agrícola até menos mortes e doenças. Em resumo: o setor privado investe em Adaptação porque é boa gestão de risco e bom negócio.

5 ARMADILHAS NA COBERTURA

1 O LEITE DERRAMADO E O ENQUADRAMENTO ERRADO

Adaptação não pode ser apresentada como ciclo infinito de desastres, lacunas e fracassos. É preciso usar as lentes das soluções, oportunidades, inovação e resiliência.

2 ADAPTAÇÃO SEQUESTRADA POR INTERESSES FÓSSEIS

Lobbies fósseis empurram a narrativa distorcida de que “só Adaptação” é suficiente, como uma licença para adiar a Mitigação e a transição energética. Assim, roubam da Adaptação seu papel real: fortalecer a transição, não substituí-la. É urgente abandonar a dicotomia e evidenciar a simbiose entre Adaptação e Mitigação.

3 FATALISMO FINANCEIRO

O mantra do “falta dinheiro” sustenta o mito de que Adaptação é inviável, quando, na prática, é um dos maiores retornos do gasto público. A imprensa precisa reenquadrar a Adaptação de gasto para investimento com retorno garantido. Os números comprovam.

4 MALADAPTAÇÃO NA VITRINE

Criticidade é fundamental na hora de mostrar projetos de Adaptação na prática. Nem toda obra de “Adaptação” é solução. Quando serve para prolongar o uso de fósseis ou transferir riscos à sociedade, é maladaptação.

MALADAPTAÇÃO PELO MUNDO



EUA (Costa do Golfo)

Refinarias erguidas contra furacões seguem emitindo e atrasam a transição



BRASIL Plataformas offshore do pré-sal são reforçadas para mares mais severos, mas os planos de expansão exploratória paralela continuam



ÍNDIA Térmicas a carvão adaptadas com dry-cooling para secas são mais caras e ainda mais poluentes



BANGLADESH Projetos de aquacultura promovem a salinização das terras e modelos predatórios, enquanto populações vulneráveis são empurradas para uma migração urbana apresentada como “inevitável”

REGRA DE BOLSO EDITORIAL: Adaptação é garantia de futuro, não prisão ao passado. Se “adaptar” significa prolongar o fóssil e fechar a porta para alternativas limpas, a pauta é sobre contabilidade do atraso, não sobre resiliência. É preciso denunciar. Le Monde Diplomatique publicou artigo (*“Climate change: adapt to stay the same”*) que alerta contra uma Adaptação que serve para manter o status quo. Outro deles (*“Smarter adaptation is not enough”*) reforça que Adaptação por si só não basta, especialmente se os planos consideram cenários extremos de aquecimento (ex: +3-4°C)

5 PLANOS QUE NÃO SAEM DO PAPEL

É preciso cobrar ações para o presente, com planejamento real para o futuro. A cada ano de emissões em alta, o gap de Adaptação aumenta mais e o peso cai sobre quem menos causou a crise. Sem ação transformadora, “casos de sucesso” de hoje viram fracassos amanhã. O ideal é que a Adaptação seja transformativa, com medidas que resultem em mudanças significativas, superando ajustes de práticas já existentes (Adaptação incremental). Planos com visão de curto prazo são paliativos que não conseguem enxergar nem propor ações de transformação mais profundas. Ou, pior, são planos que ficam apenas no papel, sem reflexo na vida real das pessoas. Nos anos 2010 o governo brasileiro trabalhou em cenários e soluções adaptativas para 2040, mas o **plano acabou na gaveta.**

4 PASSOS PARA REPOSICIONAR A PAUTA

O QUE OS JORNALISTAS PODEM FAZER

A imprensa não é apenas observadora neutra. Os jornalistas são multiplicadores de ideias. A depender do seu enquadramento, o público verá apenas “ondas de calor e inundações” ou soluções, responsabilização e oportunidades. É possível virar o jogo:

1 INVERTA O PANORAMA

Pare de reportar a Adaptação como um plano de recuperação judicial. Evite a lógica sensacionalista da calamidade e a narrativa de impotência sobre os vulnerabilizados. Trate sob o olhar da solução e da prevenção e não apenas sobre a ausência diante de perdas e danos. Esteja atento à linguagem: substitua “tragédia” por decisão pública; mostrando o custo da inação; “desastre natural” por “evento climático extremo”. Lembre que Adaptação é inseparável da transição; garante segurança hoje, apoia a Mitigação, traz competitividade e viabiliza justiça climática.

2 COLOQUE AS PESSOAS EM PRIMEIRO LUGAR

Os leitores se preocupam com moradia, alimentação, saúde e segurança. É preciso ancorar a reportagem nas dinâmicas da vida cotidiana e nas soluções que brotam dos territórios. Elas não são notas secundárias, mas linha de frente da política climática. A verdadeira história da Adaptação não está confinada em parágrafos da ONU. Adaptação é para a vida e está presente nas comunidades. Soluções adaptativas carregam a esperança da efetividade da justiça climática, buscando minimizar distâncias entre vulnerabilizados e privilegiados. Essa é a história que precisa ser contada. A população local, ativa na construção das medidas adaptativas, deve ter voz amplificada também pela imprensa.

3 FAÇA PERGUNTAS DIFÍCEIS, VÁ ALÉM DO BÁSICO

Não deixem os líderes se esconderem atrás de promessas vagas; nem que interesses privados se apropriem da narrativa para atrasar o abandono dos fósseis. Traga Adaptação para os debates políticos, em períodos eleitorais e também no curso dos mandatos. Pressione por respostas objetivas: Onde está o dinheiro para a Adaptação? Como vocês estão protegendo seus cidadãos hoje, não em 2050? Quais gatilhos de prevenção (temperatura, nível do rio) estão ativos? Questione os números, políticas, planos e orçamentos. Conecte Adaptação à trajetória de emissões.

Pergunte: como o plano reduz risco e acelera a saída dos fósseis? Corra a implementação, busque indicadores. Lembre que Adaptação não é caridade, mas investimento inteligente em empregos, saúde e segurança. Evidencie os benefícios e argumente com dados e exemplos.

4 ADOTE ADAPTAÇÃO COMO PRIORIDADE EDITORIAL

A Adaptação pode e deve ser um compromisso editorial, que reflète a legitimidade e a credibilidade dos veículos de imprensa profissional. Traga o tema para manuais de redação, estude o tema, treine a equipe e manifeste a opinião institucional nos editoriais; uma forma eficaz de comunicar ao público o posicionamento da empresa jornalística, além de enviar um sinal importante à elite política.

O LE MONDE LANÇOU O PROJETO ADAPTATION (“ADAPTATION PROJECT”) EM 2023: uma série de reportagens que mergulham nos efeitos atuais e de curto prazo das mudanças climáticas, explorando tanto os impactos como as respostas. Uma investigação em 11 capítulos cobrindo os diversos desafios que a França enfrenta para se adaptar ao aquecimento global. Todos os ângulos foram explorados: ecossistemas sensíveis (florestas, montanhas), regiões costeiras, territórios ultramarinos, impactos sobre agricultura, rios, infraestrutura, escolas, seguro contra desastres



SUGESTÕES DE PAUTA POR EDITORIA

O Clima é tema transversal nas políticas públicas e na vida real. Com impactos severos em toda forma de manifestação humana, não é possível confinar o debate em “meio ambiente” – nem na governança pública nem nas produções editoriais. A Adaptação Climática evidencia o transbordamento, com casos que ilustram a necessidade de se adaptar, da saúde à infraestrutura pública, do comportamento à produção agrícola. Nesta seção, observe as **múltiplas possibilidades de pauta** em diversas editorias jornalísticas



EDITORIA: SAÚDE

Gancho/pauta Calor extremo, doenças vetoriais, saúde mental

Métricas para observar *Atendimentos por estresse térmico; dias de serviço preservados; tempo de espera; mapas de ilha de calor, mudança nos períodos de surto de doenças vetoriais, como dengue.*

Enfoque Como sistema de saúde pode ser resiliente em picos de demanda. Como criar medidas adaptativas para evitar adoecimento da população. Quais protocolos guiam a gestão (alerta, fornecimento de água em ambientes públicos, ventilação, remanejamento de atividades)?

Recursos e referências

🔗 **The Lancet Countdown: Society of Environmental Journalists (Guias de saúde & clima)**

EDITORIA: EDUCAÇÃO

Gancho/pauta Ondas de calor e fumaça de incêndios interrompem aulas; escolas como abrigos; planos de treinamento e continuidade pedagógica

Métricas para observar *Dias de aula preservados ou cancelados; temperatura média em sala; incidentes de saúde por 1.000 alunos; % de escolas com plano de calor e simulados; tempo de evacuação; pontos de água/sombra por 100 alunos; custo por aluno das adaptações.*

Enfoque O que funciona (e quanto custa) para proteger alunos e garantir aprendizado em crise. A rede tem plano de calor? Gatilhos como WBGT (Wet Bulb Globe Temperature, índice de estresse térmico), horários, hidratação, sombra, ventilação, pausa ativa? Há protocolos de evacuação e simulados integrados à Defesa Civil? Como a escola mantém aulas (remotas/híbridas) quando o calor ou a fumaça inviabilizam a presença? O orçamento cobre manutenção de ventiladores/AC, sombreamento e pátios naturalizados? Alunos com necessidades especiais têm protocolos específicos?

Recursos e referências

🔗 **Tá Lá no Gráfico (Talanoia): A crise climática entrou na sala de aula**

🔗 **Porvir: Escolas Resilientes (vencedora do Covering Climate Now Journalism Award)**

🔗 **Instituto Alana: Guia “Cuidar e proteger: infâncias e adolescências em tempos de crise climática”**

🔗 **Refresca São Paulo (Instituto Alana): projeto para mais natureza no espaço escolar e entornos**

🔗 **The Guardian: Aulas e treinamento para estudantes espanhóis como parte de um plano nacional pós-incêndios**

🔗 **Instituto Alana: Relatório Escola+Natureza: O acesso ao verde e a resiliência climática nas escolas das capitais brasileiras**



EDITORIA: AGRO E ALIMENTOS

Gancho/pauta Safra sob estresse (excesso ou falta de chuvas), práticas de manejo que seguram produção

Métricas para observar Produtividade/ha; estoque hídrico; perdas evitadas por evento.

Enfoque A adaptação que salva a lavoura. Soluções adaptativas que garantem produtividade (micro barragens ou outras medidas para estoques de água/SBN). Há assistência técnica e crédito adequados? Quais são as práticas adaptativas utilizadas na roça da agricultura familiar, pelos povos indígenas e povos e comunidades tradicionais. Como saberes milenares resolvem demandas atuais.

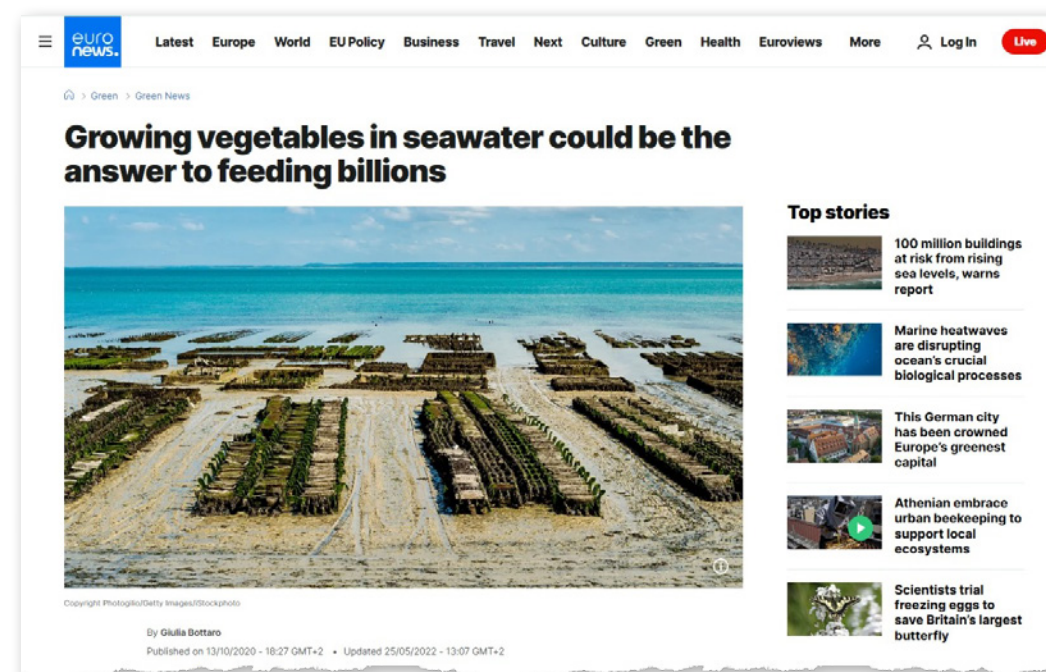
Recursos e referências

🔗 Euronews Green: Cultivar vegetais em água do mar pode ser a resposta para alimentar bilhões

🔗 Equal Times: Agricultura de baixo carbono ajuda pobres da zona rural da Índia a enfrentar incerteza climática

🔗 Mongabay: Nos Sundarbans, mulheres estão adotando a restauração de manguezais como meio de subsistência alternativo

🔗 RISE, Resilience in the Sahel Enhanced, Burkina Faso, Níger, Mali: iniciativa voltada à segurança alimentar, regeneração do solo e fortalecimento da governança comunitária para enfrentar secas e conflitos relacionados ao uso de recursos naturais



EDITORIA: AGRO E ALIMENTOS

Gancho/pauta Mares aquecendo; pescado migrando; renda costeira em risco

Métricas para observar Renda dos pescadores; área de manguezal/recife restaurada.

Enfoque Do atum ao mexilhão: como salvar a renda do mar em águas que aquecem e mudam. Tratados flexíveis para estoques móveis? Aquicultura resiliente (macroalgas, bivalves)? Seguro paramétrico para artesanais?

Recursos e referências

🔗 The Guardian: Ilhas do Pacífico recorrem a algas e aquicultura à medida que o atum se desloca

🔗 Mongabay: Chile aposta em mexilhões e kelp à medida que a pesca enfrenta dificuldades

🔗 FAO: Práticas de aquicultura resiliente ao clima



EDITORIA: TURISMO

Gancho/pauta Paisagens e experiências turísticas comprometidas por ondas de calor, incêndios, branqueamento de corais, neve em queda; mudança na produção do vinho e do chocolate

Métricas para observar Remarcação de temporadas; quedas das receitas turísticas. Cancelamento; perdas; custo de resiliência por quarto; receitas de restauração ambiental

Enfoque O design do turismo em uma década de extremos. O que muda, o que pode ser adaptado e o que se perde. Há pivô de calendário (meia-estação)? Seguro exige padrões?

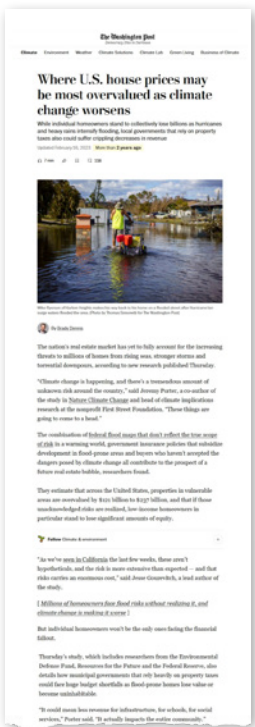
Recursos e referências

🔗 Le Monde: A "fábrica de esqui" que busca se reinventar

🔗 Reuters: Incêndios florestais na Grécia queimam a receita do turismo

🔗 NPR: Estâncias de esqui nos Alpes se reinventam à medida que a neve diminui

🔗 Washington Post: Cidades do Mediterrâneo incentivam o turismo na baixa temporada



EDITORIA: HABITAÇÃO E MERCADO IMOBILIÁRIO

Gancho/pauta Seguro inacessível, códigos de construção, modernização de infraestrutura (retrofit térmico), recuo planejado

Métricas para observar Prêmio de seguro por CEP; percentual de moradias com medidas de Adaptação; indenização/compensação pós-evento. Preço do metro quadrado em regiões mais seguras.

Enfoque Mapa da (in)segurança climática por localização do imóvel, abordando custo de seguros x risco climático. Quem consegue seguro e quem sai perdendo? Há subsídio à incorporação da Adaptação Climática em projetos (climate-proofing), especialmente para baixa renda?

Recursos e referências

🔗 The Washington Post: Onde os preços das casas nos EUA podem estar mais supervalorizados à medida que as mudanças climáticas se agravam

EDITORIA: HABITAÇÃO E MERCADO IMOBILIÁRIO

Gancho/pauta Risco em Favelas e assentamentos informais: mais de 1 bilhão vivem em áreas informais, muitas em encostas/baixadas/ilhas de calor com alto risco e pouca cobertura

Métricas para observar Temperatura interna (°C) pós-intervenção; casos de deslizamento/alagamento; cobertura de drenagem/verde; pessoas notificadas por alerta.

Enfoque O que funciona nas favelas (com pouco dinheiro e muita urgência). Há sombreamento/verde e drenagem local? Programas de telhados frios/eco-telhas? Alerta chega por celular? Existe microsseguro? Qual é a política pública para essa população e quais iniciativas nascem da própria comunidade?

Recursos e referências

🔗 The Guardian: ‘Hell de Janeiro’: calor e desigualdade no Rio

🔗 App de risco em Nairobi (SEI)

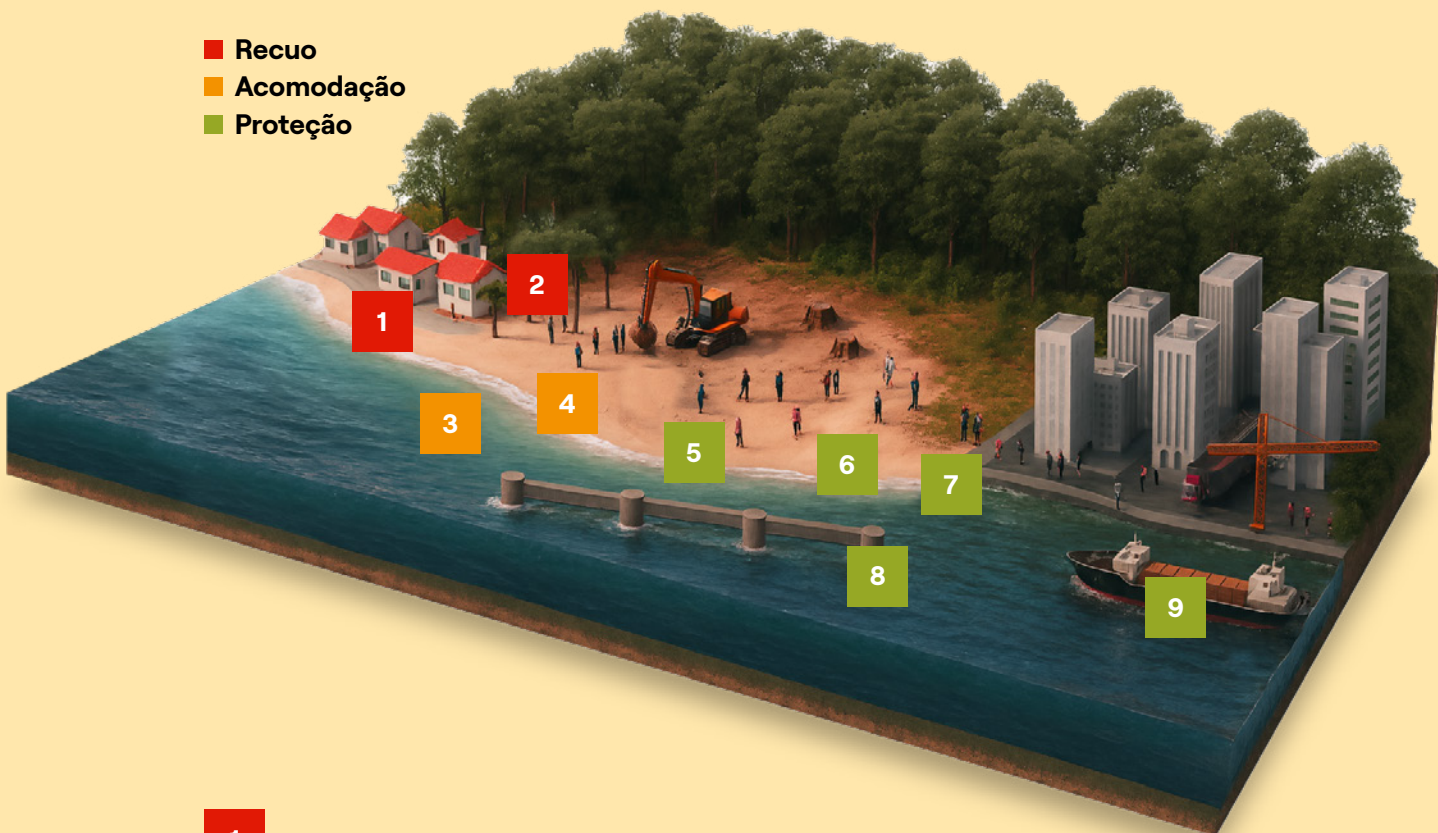
🔗 Lumkani (alarme de calor + microsseguro)

🔗 Eco-telhas em Delhi: Iniciativa de resfriamento de telhados

🔗 Slum Dwellers International, SDI, África do Sul, Índia, Filipinas: rede global que apoia comunidades urbanas de baixa renda na organização de suas próprias respostas à crise climática, com foco em infraestrutura, habitação e dados produzidos localmente

Como enxergar a Adaptação?

- Recuo
- Acomodação
- Proteção



- | | |
|---|--|
| 1 | Recuo dos imóveis em relação à linha costeira |
| 2 | Conservação e restauração de áreas naturais |
| 3 | Restauração de corais |
| 4 | Aproveitamento de áreas inundadas para aquicultura |
| 5 | Engordamento de praias |
| 6 | Fixação da costa |
| 7 | Construção de muros de proteção |
| 8 | Construção de quebra-mares ou estruturas no mar |
| 9 | Reorganização de estruturas portuárias |

Fonte: Sergio Margulis. Mudanças do clima: tudo que você queria e não queria saber. (2020)

EDITORIA: CONSUMIDOR

Gancho/pauta Busca por eletrodomésticos eficientes, resfriamento acessível, programas de tarifa/conta de luz, telhados solares

Métricas para observar kWh economizado. Custo da energia

Enfoque Conta mais baixa em temperaturas extremas: quem consegue, como e porquê.

Recursos e referências

🔗 **Bloomberg:** Mapeando soluções de resfriamento em cidades com calor extremo

🔗 **Bloomberg:** Como resfriar parques em cidades quentes

🔗 **The Guardian:** Como ficar fresco sem ar-condicionado



EDITORIA: CULTURA E SOCIEDADE

Gancho/pauta Ansiedade climática, arte que comunica soluções e acalma corações

Métricas para observar Atrações culturais, exposições, obras artísticas e literárias que tratam de Adaptação.

Enfoque Como a arte e manifestações culturais tem comunicado a vida adaptada, sensibilizando, informando e mobilizando para a vida em um mundo mais quente.

Recursos e referências

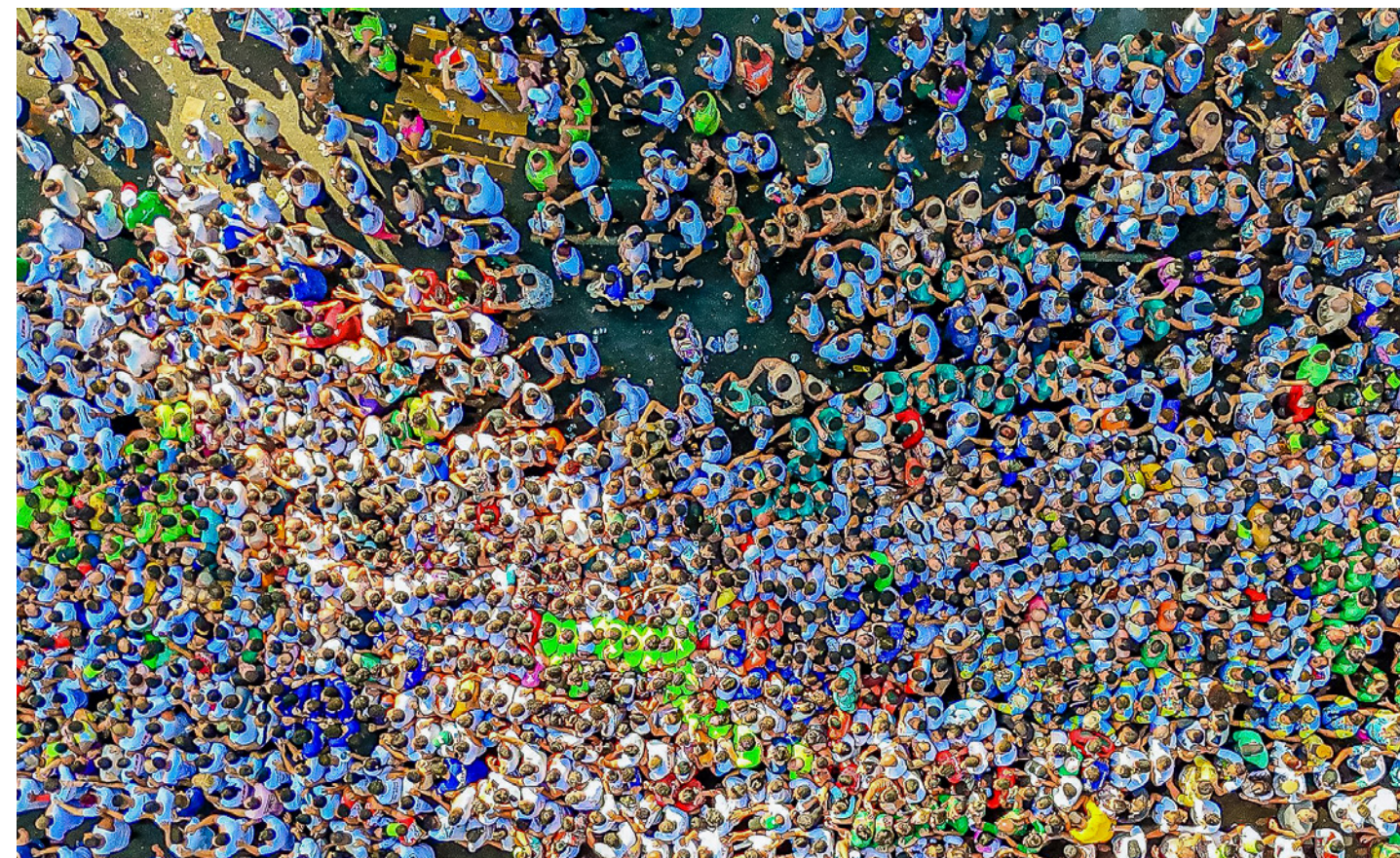
🔗 **The New York Times (Style):** Ansiedade causada por chuvas e inundações súbitas

🔗 **AFP (fotografia):** Desastres impulsionados pelo clima ao redor do mundo em 2021

🔗 **Coffee & Quaq (podcast):** Nativos do Alaska Natives na linha de frente

🔗 **The New York Times (Arts/Design):** Museu Marítimo Mystic Seaport & elevação do nível do mar

🔗 **Um só Planeta:** Ecoansiedade dispara 295% no Google: "é hora de transformar medo em mobilização coletiva"



EDITORIA: CULTURA E SOCIEDADE

Gancho/pauta Peregrinações, festas e rituais alterados por calor extremo e enchentes; templos em áreas de risco

Métricas para observar Temperatura/WBGT (Wet Bulb Globe Temperature, índice de estresse térmico) nas datas; cancelamentos/ remarcações; incidentes de saúde por 10 mil fiéis; pontos de água/sombra por mil pessoas; custo extra da operação; tempo de resposta em emergências.

Enfoque Fé, tradições e religiosidade: logística de proteção de fiéis (água, sombra, horários, rotas). As organizações religiosas têm plano de calor/chuva? Qual o protocolo médico (WBGT (Wet Bulb Globe Temperature, índice de estresse térmico), triagem, ambulâncias)? Há rota alternativa e pontos de hidratação? Como é feita a comunicação de risco aos fiéis? Quem financia as adaptações (poder público, doações, seguro)? Como acolhem grupos vulneráveis (idosos, crianças, PCD)? Como as comunidades de fé fornecem suporte aos mais vulnerabilizados?

Recursos e referências

🔗 **The Washington Post (Interactive):** Quando a mudança climática transforma fim a rituais sagrados, fiéis se adaptam

🔗 **AP News:** Bispos católicos de Ásia, África e América Latina cobram justiça climática

🔗 **PMC:** Crenças religiosas e Adaptação climática: Um estudo de três comunidades rurais da África do Sul

EDITORIA: CULTURA E SOCIEDADE

Gancho/pauta Shows e festivais sofrem na linha de frente do calor/fumaça/chuva. Caso Ana Clara Benevides expôs lacunas

Métricas para observar Cancelamentos; frequência; protocolos adotados. Público em eventos ao ar livre com ondas de calor. Incidentes de saúde por 10 mil; número de paradas por calor; pontos de hidratação; custo extra versus prêmio de seguro. Redesenho de festivais (abrigo/sombra), escritórios de calor.

Enfoque Como eventos ficam à prova de calor (e mantêm público e artistas seguros). Lazer ao ar livre. Como os eventos adaptam horários/infraestrutura para calor e enchente? Quais protocolos para contornar desafios? Há água gratuita, sombra, sensores de WBGT (Wet Bulb Globe Temperature, índice de estresse térmico), Heat/Smoke Officer, plano de pausa ou cancelamento? Seguro exige padrões?

Recursos e referências

- 🔗 Boas práticas: “Lei Benevides” (PL pede água gratuita em eventos ao ar livre)
- 🔗 The Guardian: Frequentadores de festival lutam para se refrescar enquanto onda de calor de 30°C atinge Glastonbury
- 🔗 AP News: Laudo confirma morte por exaustão térmica no show da Taylor Swift (RJ, Brasil)
- 🔗 Los Angeles Times: Petição por lei de acesso à água em eventos
- 🔗 Tá Lá no Gráfico (Talanoa): Alalaô, ooo ooo, mas que calor!



EDITORIA: ATIVISMO E REPRESENTATIVIDADE

Gancho/pauta Redes locais que fazem diferença; interseção com justiça racial e de gênero

Métricas para observar Pessoas alcançadas; políticas aprovadas; recursos financeiros destravados; Mensuração de impacto de projetos executados.

Enfoque Quais impactos são desproporcionais a mulheres e povos marginalizados? Que problemas de Adaptação iniciativas ativistas resolvem hoje? Como medem impacto e pressionam orçamento? Como cidadão é envolvido na busca por soluções? Ideias para minimizar desigualdades e promover justiça climática.

Recursos e referências

- 🔗 Campanha “Rio Não É Disney: Plano Climático Já”:
- liderada por jovens das periferias do Rio de Janeiro (BR),
- apresentou uma proposta de Adaptação centrada em justiça territorial, infraestrutura verde e direitos urbanos
- 🔗 Rede de Adaptação Antirracista: articulação de coletivos,
- ativistas e pesquisadores que propõe uma visão de Adaptação com protagonismo negro, reconstrução das relações com os territórios e enfrentamento ao racismo ambiental
- 🔗 Fapesp: Bairro da periferia de Diadema elabora plano de Adaptação às mudanças climáticas



EDITORIA: ATIVISMO E REPRESENTATIVIDADE

Gancho/pauta Planos de Adaptação liderados por comunidades indígenas, ribeirinhos e quilombolas; com governança e manejo tradicional

Métricas para observar Número de domicílios/aldeias protegidas; perdas evitadas; segurança alimentar/hídrica.

Enfoque Como os saberes tradicionais ensinam lições de Adaptação. Que soluções baseadas na natureza são recomendadas? Quem decide prioridades? Como se mede o resultado no território? Como funcionam as brigadas de incêndio, o monitoramento, grupos de proteção territorial e a ciência indígena que coordena ações.

Recursos e referências

- 🔗 CONAQ: Territórios negros, ancestrais e ação climática global: corpos, florestas e soluções
- 🔗 The Washington Post : Um povo ancestral com um plano climático moderno (Swinomish)
- 🔗 IPAM: Jovens de 18 comunidades apresentam planos de Adaptação climática



EDITORIA: ATIVISMO E REPRESENTATIVIDADE

Gancho/pauta Distribuição desigual do risco e do socorro; soluções lideradas por comunidades

Métricas para observar Tempo de repasse de recursos por bairro; valor per capita; recorte raça/gênero

Enfoque Olhar da Justiça Climática. Quem decide obra/auxílio? O dinheiro chegou mais rápido a quem mais perdeu?

Recursos e referências

- 🔗 **e360: Enquanto Miami continua construindo, a elevação do mar aprofunda sua divisão social**
- 🔗 **RM Times: Dentro de uma comunidade nigeriana que vive a crise climática**
- 🔗 **Los Angeles Times: O custo mortal do calor extremo (série)**
- 🔗 **Noëma: Os Últimos dos Árabes dos Pântanos**



EDITORIA: ESPORTES

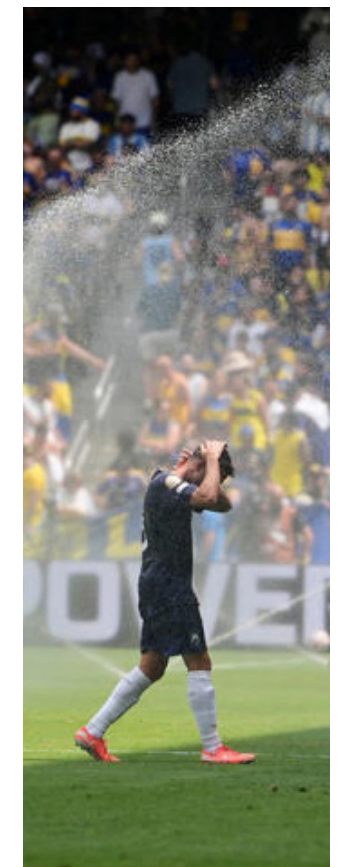
Gancho/pauta Um em três eventos esportivos de verão sob alto risco de calor; fumaça/enchente cancelando jogos

Métricas para observar Temperatura de campo; número de pausas; atendimentos médicos; cancelamentos; prêmio de seguro.

Enfoque Como o esporte driblou o calor. Como clubes e federações esportivas têm contornado desafios de temperatura para manter calendário esportivo. Jogar sem adoecer: o novo manual de calor para atletas, torcidas e calendários. Regras de pausa por calor (WBGT (Wet Bulb Globe Temperature, índice de estresse térmico), hidratação, horários; infraestrutura de sombra e microgrids no estádio?

Recursos e referências

- 🔗 **The Guardian : Risco de calor no Mundial de Clubes**
- 🔗 **Reuters: Calor extremo é ameaça real para a Copa de 2026**
- 🔗 **BBC: Quais são as regras de calor em Wimbledon?**



EDITORIA: MODA

Gancho/pauta O calor pede roupas mais frescas; coleções respiráveis. E os trabalhadores da moda também sentem

Métricas para observar WBGT (Wet Bulb Globe Temperature, índice de estresse térmico) no chão de fábrica; pausas; absenteísmo; produtividade; incidentes. Tecidos mais frescos.

Enfoque Provocação: quais seriam as coleções para as novas condições climáticas? Como o calor afeta a moda e como alagamentos em pólos de confecção (Bangladesh, Vietnã, Paquistão) exigem que a indústria mude. Há alerta térmico nas fábricas? Ventilação/resfriamento? Fundos para Adaptação de trabalhadores?

Recursos e referências

- 🔗 **Vogue: “O que é ‘resiliência justa’ e por que a moda deveria se importar?”**
- 🔗 **Vogue Business: “O calor extremo está colocando trabalhadores de fábrica em perigo”**
- 🔗 **Reuters: Marcas apostam em tecidos “cooling” com altas temperaturas**
- 🔗 **Tá Lá no Gráfico (Talanoa): O trabalho em um mundo mais quente**



EDITORIA: POLÍTICA & GOVERNO

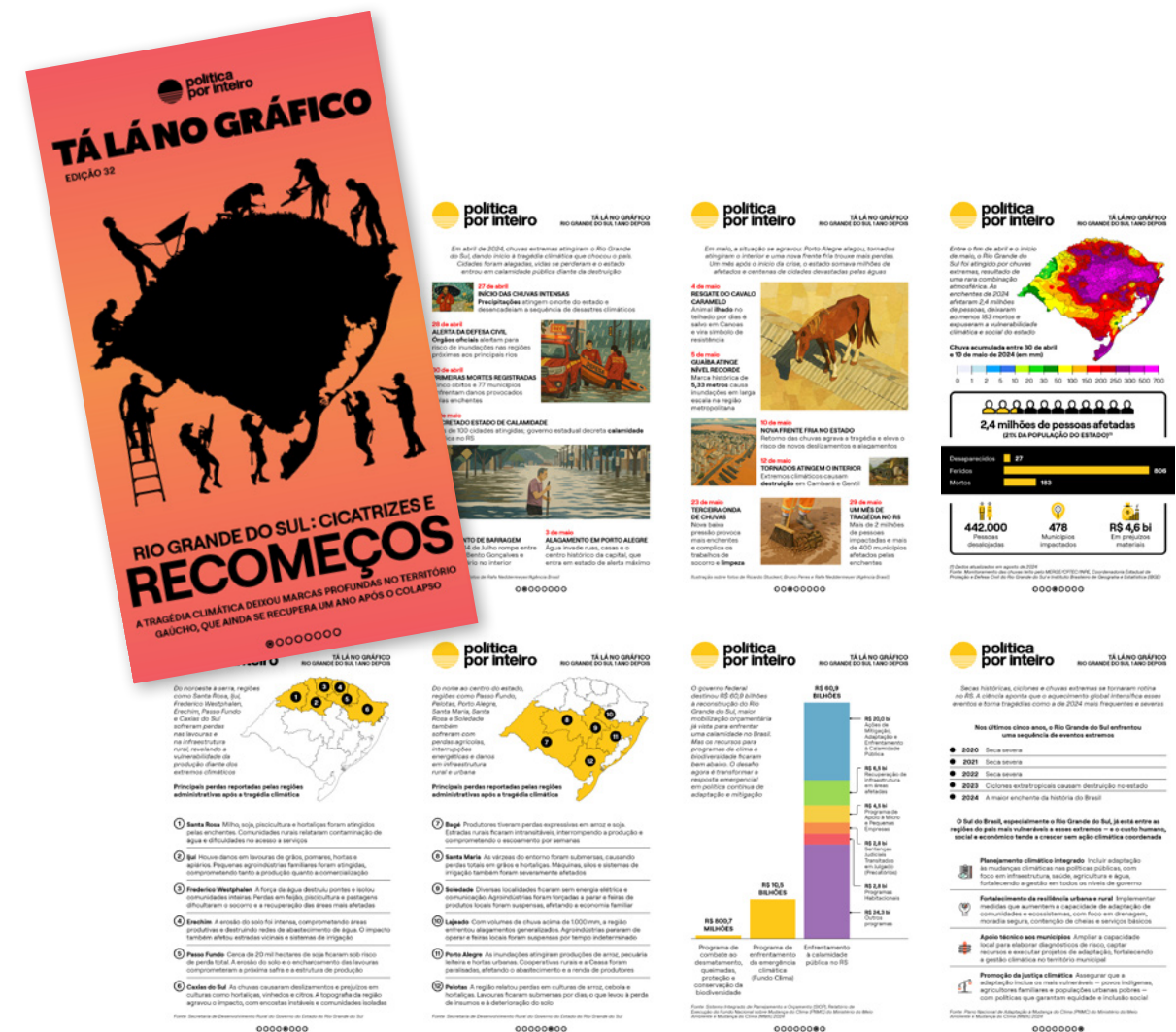
Métricas para observar Percentual de reúso; perdas na rede; transbordos por chuva; Capex/Opex.

Enfoque O que muda na gestão do saneamento. Qual o mix (dessal, reúso, reservatórios naturais)? Tarifas sinalizam eficiência? Esgotos têm capacidade para cheias?

Recursos e referências

Bloomberg: NWater de Cingapura: transformando água residual em água potável

🌀 Tá Lá no Gráfico (Talanoa): Rio Grande do Sul: cicatrizes e recomeços



Gancho/pauta Migração. Novos fluxos migratórios gerados pelo clima

Métricas para observar Fluxos por município; custo de acolhimento; acesso a moradia/serviço.

Enfoque Migrar é uma forma de se adaptar? Quem recebe apoio para migrar (ou ficar)? Como está a capacidade das cidades “mais seguras”? Como as políticas migratórias contemplam a justiça climática?

Recursos e referências

 **The New Yorker: Os trabalhadores migrantes**

que seque os desastres climáticos

🔗 ProPublica: A grande migração climática

APNews: Antiga vila do Himalaia se realoca à medida que

mudanças climáticas transformam a vida cotidiana

🔗 **The Guardian: Mudando para os topos das montanhas: elevação do nível do mar desloca dezenas de milhares em Papua-Nova Guiné**

🌀 The Washington Post: Diante da elevação do nível do mar e da redução da ajuda, vilarejos fijianos se mudam para áreas mais altas

🔗 **Al Jazeera English: Destruição pelo clima: patrimônio da UNESCO no Senegal é engolido pelo mar**

EDITORIA: POLÍTICA & GOVERNO

Gancho/pauta Futuro: Cenários 2030–2050 para cidades, energia, água e saúde; stress tests de infraestrutura crítica; gatilhos de decisão que disparam obras, realocações e novas regras

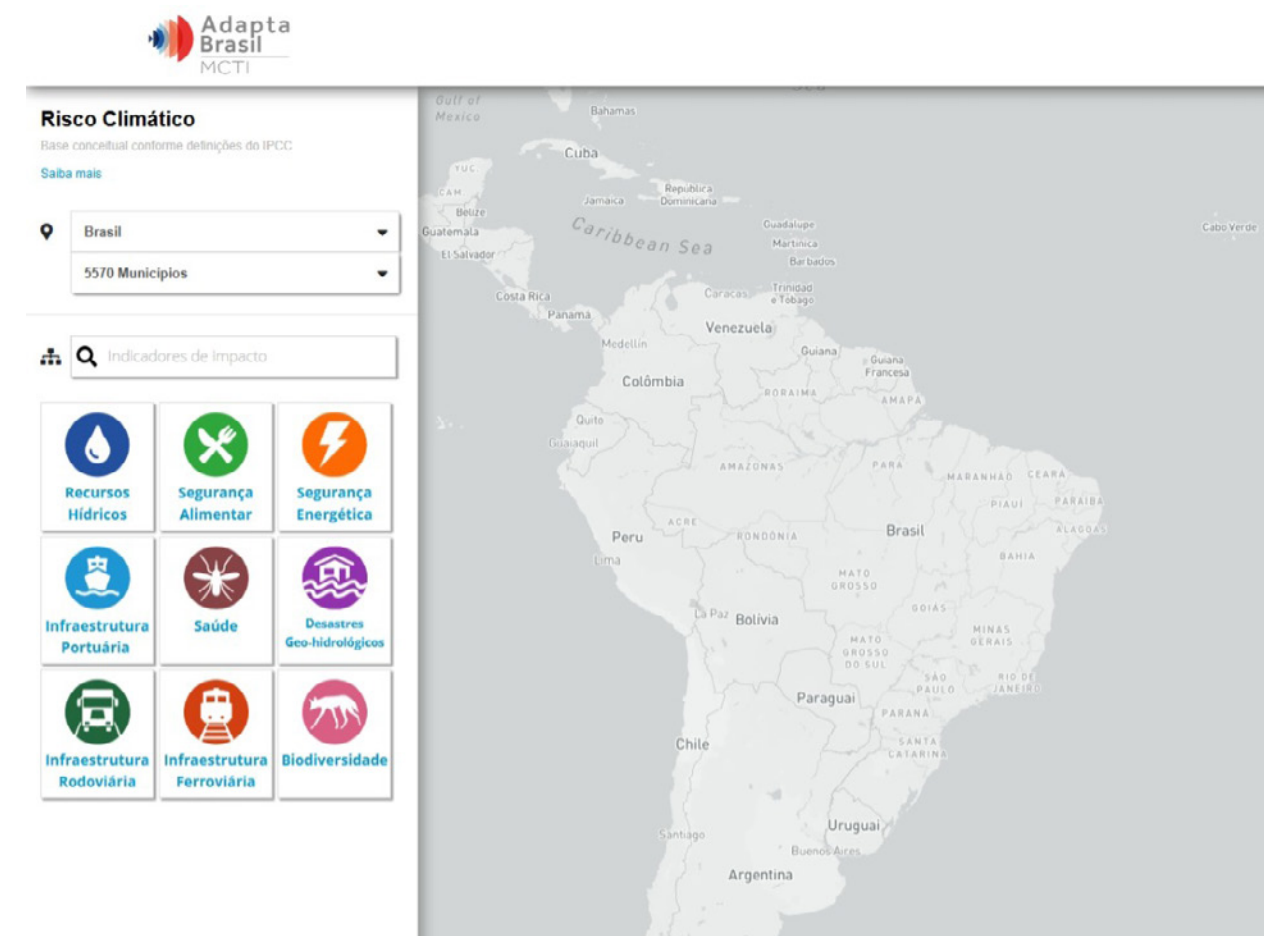
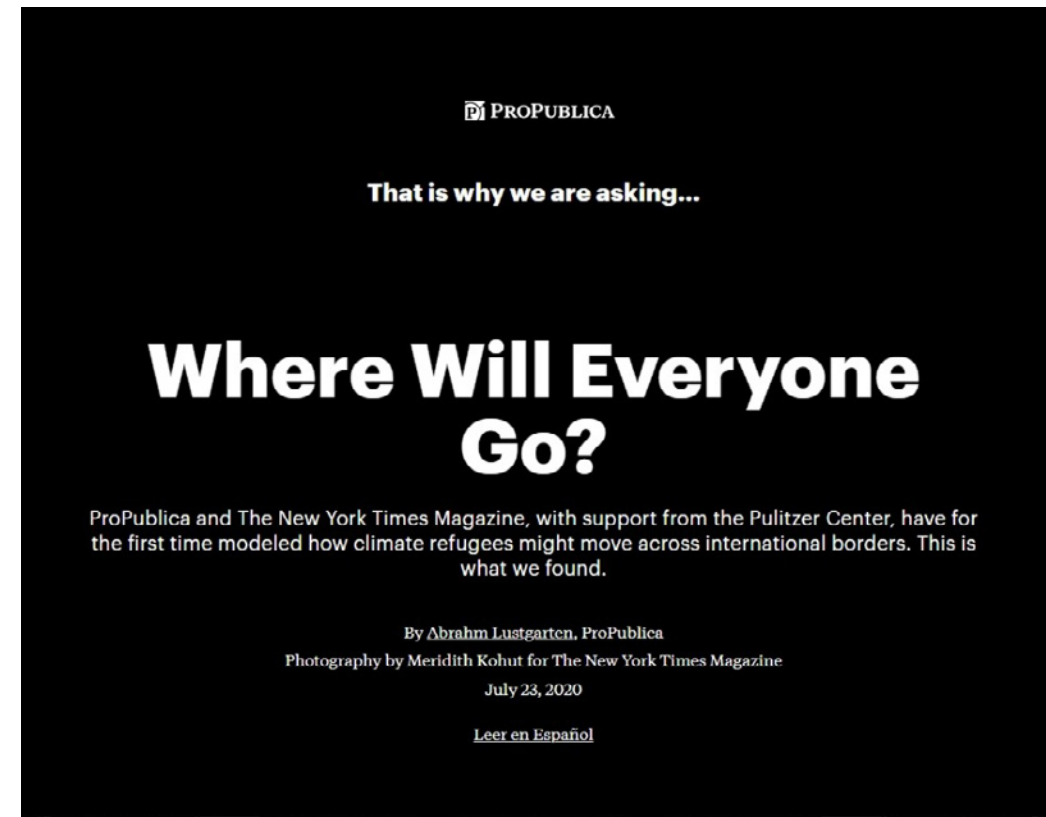
Métricas para observar Percentual da infraestrutura crítica em zonas de risco 2050; tempo de restabelecimento pós-evento (RTO) em hospitais/água/energia; investimento per capita anual em Adaptação; cobertura de alerta precoce.

Enfoque Quais cenários (climáticos/socioeconômicos) a prefeitura usa? O que muda em código de obras, rede elétrica e transporte? Existem gatilhos formais para acionar recuo planejado, fechamento de escolas ou horários de trabalho? Qual o plano de financiamento (Capex/Opex) e a priorização? Quais indicadores de prontidão o governo e as empresas acompanham?

Recursos e referências

🔗 [The Washington Post: Uma estranha nova era climática está começando a se instalar](#)

🔗 [ProPublica: Para onde todos irão?](#)



EDITORIA: POLÍTICA & GOVERNO

Gancho/pauta Governança Climática e multinível da Adaptação: planos do governo federal brasileiro e implementação nos territórios

Métricas para observar Implementação do Plano Clima de Adaptação e Plano de Aceleração do Crescimento (Brasil).

Enfoque Qual a responsabilidade dos governos federal, estaduais e municipais na elaboração das ações de Adaptação? Como Plano Clima será articulado com estados, municípios e setores econômicos? Quais instrumentos para execução e efetividade? Que ministérios e secretarias devem ser cobrados pela execução? Que papel os poderes Legislativo e Judiciário podem ter no avanço dessa pauta? O novo PAC contempla a dimensão adaptativa?

Recursos e referências

🔗 [Tá Lá no Gráfico \(Talanoa\) Planos Setoriais de Adaptação: Adaptação: qual é o plano?](#)

🔗 [Brasil: Plataforma AdaptaCidades](#)



EDITORIA: POLÍTICA & GOVERNO

Gancho/pauta Orçamento público da Adaptação

Métricas para observar Percentual do orçamento executado; indicadores de Adaptação.

Enfoque Como proteger: o placar da Adaptação no orçamento. Onde está o dinheiro (agora)? Como medem resultado (GGA)? Quem tem acesso direto (municípios, povos indígenas, organizações locais)?

Recursos e referências

- 🔗 Le Monde: Como Lyon está se adaptando como a cidade mais exposta da França ao aumento das temperaturas
- 🔗 The Washington Post: Após um verão de horrores climáticos, adaptar-se é um imperativo
- 🔗 Phys.Org: Cidades costeiras encaram sua mortalidade na 'linha de frente' do clima
- 🔗 The New York Times Magazine: Incêndios florestais e ecologia em Los Angeles
- 🔗 The Outlier (SA): Uma Tempestade Perfeita
- 🔗 Big U, Nova York: projeto de infraestrutura resiliente que propõe um anel de proteção ao redor de Manhattan, combinando contenção de enchentes, parques e valorização imobiliária. Articula inovação com regeneração urbana

EDITORIA: NATUREZA E BIODIVERSIDADE

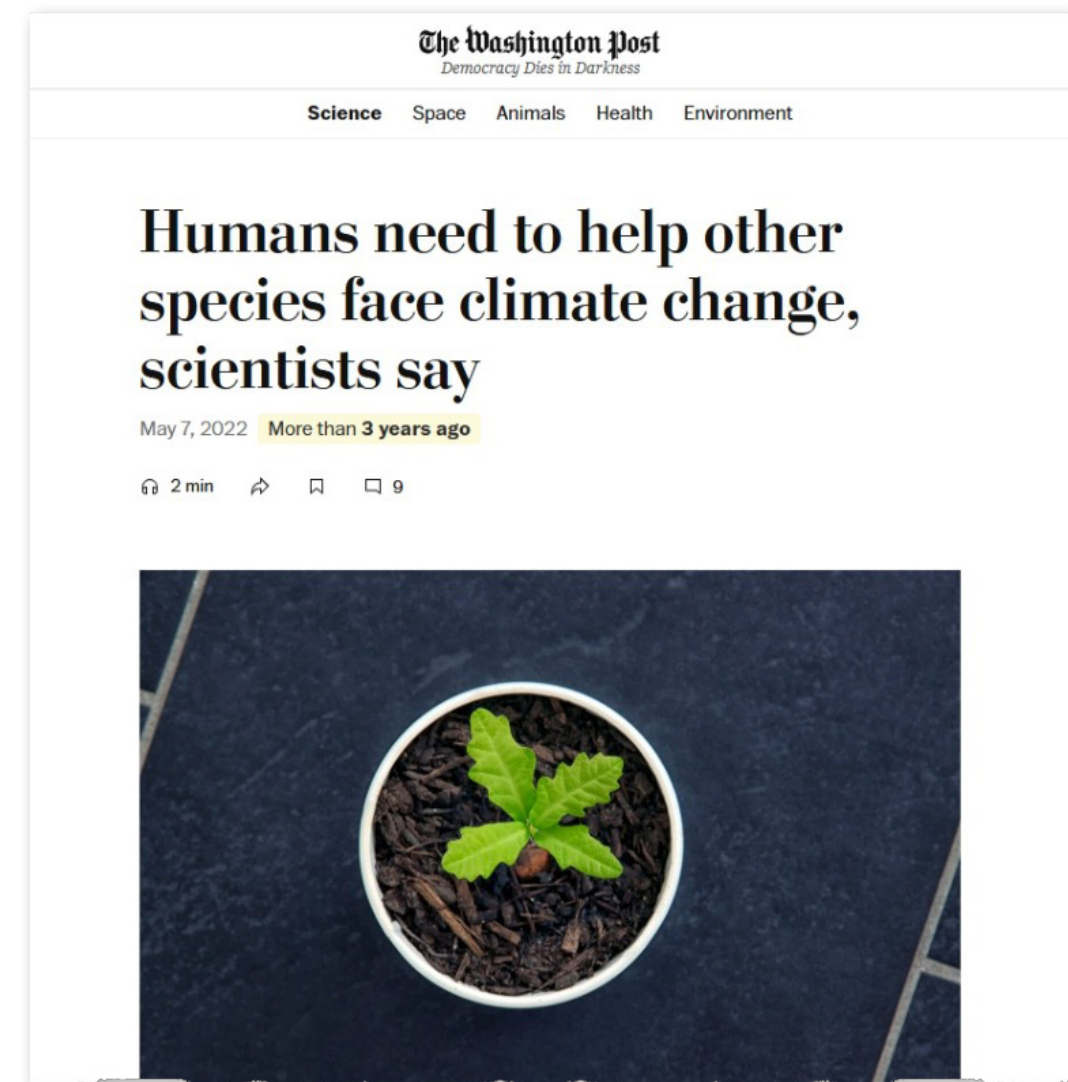
Gancho/pauta Adaptação assistida, corredores ecológicos, manejo adaptativo

Métricas para observar Sobrevivência e reprodução; área de habitat restaurado; eventos extremos evitados.

Enfoque Salvar espécies em um mundo +1,5°C: o que funciona de verdade? Quais espécies/habitats estão em plano de Adaptação? Quem financia e como se mede sucesso?

Recursos e referências

- 🔗 The Washington Post: Humanos precisam ajudar outras espécies a enfrentar as mudanças climáticas, dizem cientistas



EDITORIA: NEGÓCIOS E FINANÇAS

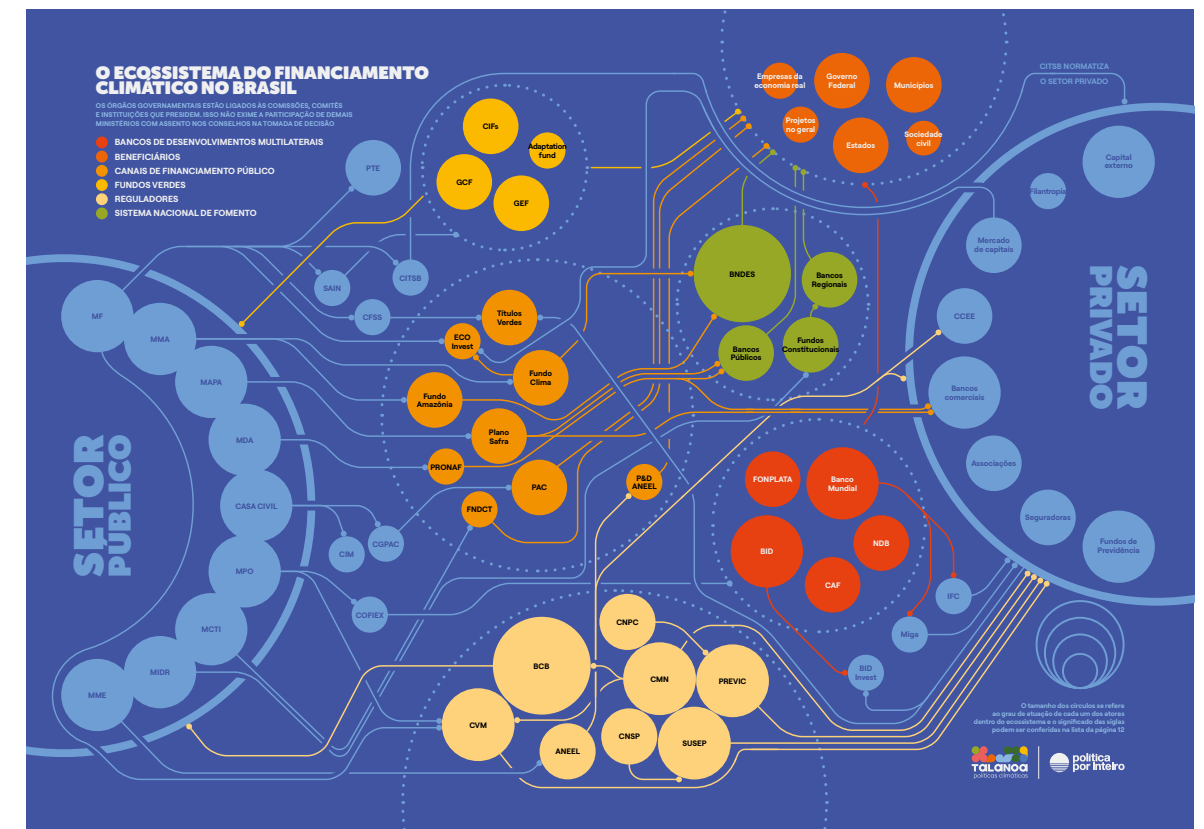
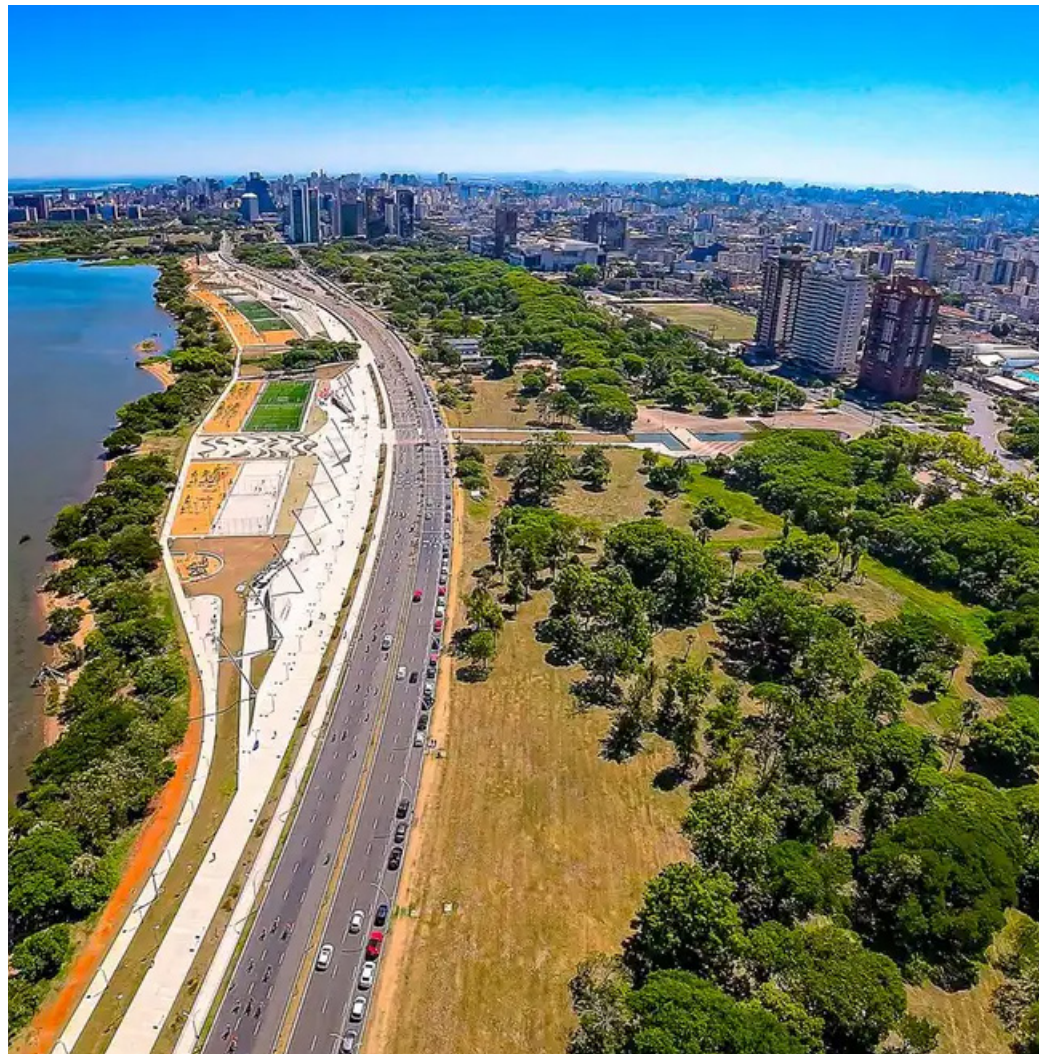
Gancho/pauta Retirada de seguradoras, disclosure de risco físico, ROI de Adaptação, fundos e ações coletivas

Métricas para observar Sinistros; Capex vs perdas evitadas; spreads (custo de capital) pós-evento.

Enfoque Quanto a empresa/município economiza com perdas evitadas? Há estratégia de risco físico na cadeia?

Recursos e referências

- 🔗 **Agência Brasil: Estudo aponta alto retorno nos investimentos em Adaptação climática**
- 🔗 **The New York Times (DealBook): Calor extremo e investimentos**
- 🔗 **Le Monde: O Ródano, um rio industrial diante de decisões cruciais**



EDITORIA: FINANCIAMENTO CLIMÁTICO

Gancho/pauta Lacuna de financiamento da Adaptação, qualidade do dinheiro

Métricas para observar US\$ executados em Adaptação; percentual grants versus dívida; tempo de desembolso; projetos com indicadores GGA.

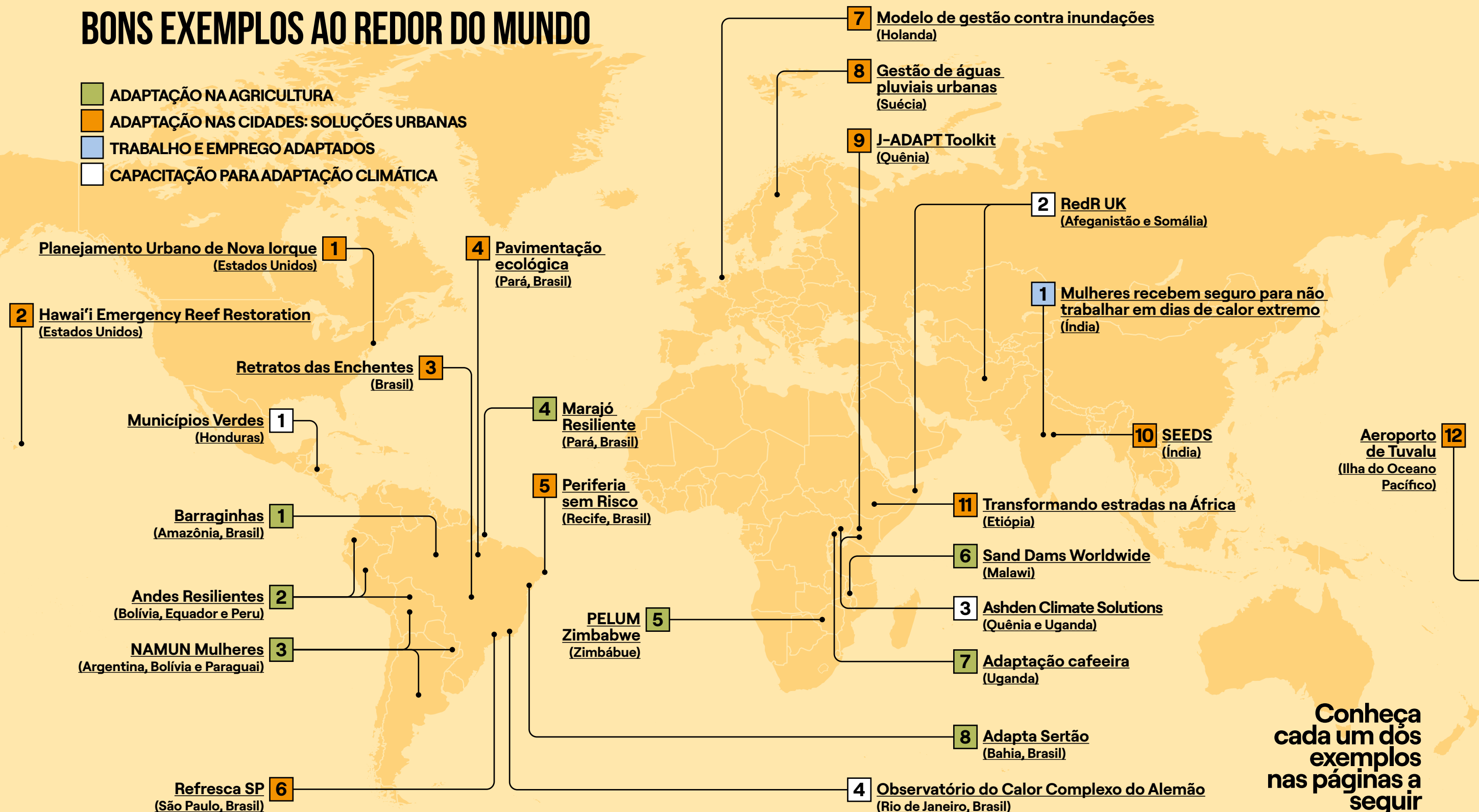
Enfoque Onde está o funding (não só financing)? Quem tem janela de acesso? Como garantir desembolso e resultado?

Recursos e referências

- 🔗 **Financial Times: Ruto, do Quênia, diz que líderes ocidentais quebraram “pacto de sangue climático”**
- 🔗 **Reuters: Países em desenvolvimento enfrentam déficit de bilhões para Adaptação Climática, diz relatório da ONU**
- 🔗 **The Washington Post: À medida que os desastres climáticos aumentam, o mundo não está investindo nem de perto o suficiente em Adaptação**
- 🔗 **Reuters: Financiamento climático de bancos de desenvolvimento atinge recorde de US\$ 137 bilhões em 2024**
- 🔗 **Tá Lá no Gráfico (Talanoa): Estratégias para um futuro seguro**
- 🔗 **Talanoa: Estratégia de financiamento para Adaptação Talanoa 2025**

BONS EXEMPLOS AO REDOR DO MUNDO

- ADAPTAÇÃO NA AGRICULTURA
- ADAPTAÇÃO NAS CIDADES: SOLUÇÕES URBANAS
- TRABALHO E EMPREGO ADAPTADOS
- CAPACITAÇÃO PARA ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA



Conheça
cada um dos
exemplos
nas páginas a
seguir

ADAPTAÇÃO NA AGRICULTURA

1 **BARRAGINHAS** **Amazônia, Brasil**

O projeto promete ser um apoio às comunidades nos desafios da Adaptação Climática com a implementação das “barraginhas”, que é um sistema de contenção de água da chuva projetado para capturar o excesso de água, controlar a erosão do solo e melhorar a infiltração da água, alimentando assim o lençol freático. A iniciativa é complementada pelo cultivo de plantas nativas, trabalho de base agroecológica, contribuindo para a conservação da biodiversidade da região. Está é uma tecnologia 'importada' da experiência da caatinga, que são verdadeiros experts em Adaptação Climática para resiliência hídrica de baixo custo.



2 **ANDES RESILIENTES** **Bolívia, Equador e Peru**

Apoia produtores da Agricultura Familiar Andina (AFA) na Bolívia, Equador e Peru para aumentar sua resiliência e capacidade de adaptar seus meios de subsistência, alcançando melhorias em sua segurança alimentar e hídrica. Projeto da Fundação Avina.



3 **NAMUN MULHERES** **Argentina, Bolívia e Paraguai**

É uma iniciativa da Fundação Avina que coloca as mulheres como agentes de mudança por meio da conectividade rural e inovação aplicada para melhorar suas capacidades de Adaptação e resiliência no desenvolvimento de suas organizações e do ambiente produtivo. É desenvolvido no Gran Chaco Americano. Promove renda, inovações disruptivas para Adaptação e resiliência.



4 **MARAJÓ RESILIENTE** **Pará, Brasil**

Iniciativa dedicada a fortalecer a resiliência climática de agricultores familiares e comunidades tradicionais no arquipélago do Marajó, no Pará - que é símbolo da vulnerabilidade climática e está estigmatizada com as reportagens sobre prostituição infantil. Reúne estratégias das comunidades locais para se adaptarem e prosperarem, combinando saberes ancestrais a soluções inovadoras e assistência técnica especializada. Projeto da Fundação Avina, colabora para desmistificar aspectos da Adaptação. Narrativa de esperança ativa.



5 **PELUM ZIMBABWE** Zimbábue

A Participatory Ecological Land Use Management é uma ONG do Zimbábue que trabalha com organizações de agricultores locais para divulgar práticas regenerativas que melhoram a segurança nutricional, os meios de subsistência e a sustentabilidade ambiental em todo o país. O programa de aprendizagem é focado na regeneração de animais e terras, com o objetivo de fortalecer a resiliência dos agricultores locais à seca e incentiva a transição do pastoreio intensivo de animais para o pastoreio rotativo. Essa prática resulta em melhoria do solo, das pastagens, da saúde do gado e das pessoas, além de aumentar a retenção de água no solo, contribuindo coletivamente para a resiliência à seca. O programa também envolve políticos em nível local, regional e nacional para promover a compreensão e o apoio a práticas regenerativas como essas em todo o país.

6 **SAND DAMS WORLDWIDE** Malawi

A instituição do Reino Unido apoia algumas das populações mais pobres do mundo por meio da conservação da água e do solo em regiões áridas, promovendo segurança hídrica e alimentar, além de restaurar áreas degradadas. A SDW incentiva a construção de represas de areia em leitos de rios sazonais nas zonas áridas do Malawi, em parceria com a Churches Action in Relief and Development (CARD). As represas de areia são uma solução natural de captação de água da chuva, capazes de armazenar até 40 milhões de litros de água na areia que se acumula na parede da represa. O projeto visa acesso contínuo a água potável para mais de 8 mil pessoas, além de permitir que mulheres substituam a tarefa de coleta de água pelo cultivo da terra, incluindo a participação no programa de agricultura resiliente ao clima da CARD.



7 **ADAPTAÇÃO CAFEIEIRA** Uganda

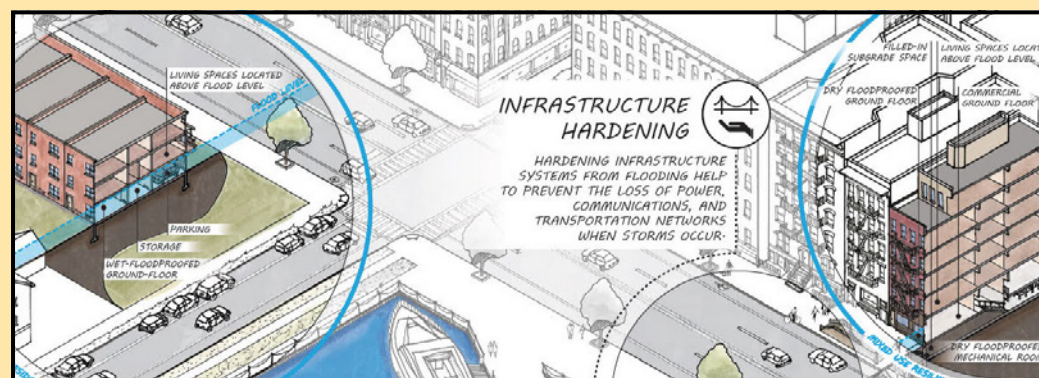
O café é uma das exportações agrícolas mais significativas de Uganda, mas o aumento de secas, pragas e doenças reduziu muito seu rendimento e valor. Como alternativa, muitos agricultores ugandenses estão integrando o café com outras culturas para aumentar a resiliência. Por exemplo, o uso de árvores de sombra, como *Grevillea robusta* e espécies indígenas, ajuda a moderar as temperaturas e melhorar a fertilidade do solo. Um estudo do World Agroforestry Centre mostra que os agricultores que adotaram práticas agroflorestais relataram um aumento de até 25% na produtividade do café.



8 **ADAPTA SERTÃO** **Bahia, Brasil**

Na região semiárida do Nordeste do Brasil, um empreendimento chamado Adapta Sertão foi desenvolvido para ajudar os pequenos produtores a se adaptarem aos impactos das mudanças climáticas. O projeto trabalha para criar meios de subsistência sustentáveis para pequenos agricultores, ajudando a garantir a segurança alimentar e a renda estável, apesar das chuvas imprevisíveis. Um dos exemplos é Pintadas, Bahia, onde o foco na tecnologia de irrigação por gotejamento trouxe maior eficiência e oportunidades produtivas para os pequenos agricultores.

ADAPTAÇÃO NAS CIDADES: SOLUÇÕES URBANAS



1 **PLANEJAMENTO URBANO DE NOVA IORQUE** **Estados Unidos**

O Plano de Resiliência da prefeitura de NY é composto pelo mapeamento das áreas de risco da cidade, ações coordenadas com as comunidades e Adaptação da infraestrutura urbana. O zoneamento urbano vem sendo realizado baseado nos riscos climáticos de cada bairro, considerando o avanço do mar nas áreas costeiras, inundações por chuvas torrenciais e ondas de calor. As estratégias de resposta e resiliência são específicas para cada região, assim como as ações educativas e de comunicação. Para cada risco identificado, são propostas soluções de infraestrutura, como aumento da cobertura florestal, barreiras físicas de proteção costeira e diretrizes para uso do solo, além de protocolos comunitários. Nos bairros mais expostos aos riscos climáticos, as iniciativas são orientadas para promover o financiamento dos projetos e a justiça ambiental.

2 **HAWAI'I EMERGENCY REEF RESTORATION** **Estados Unidos**

É uma coalizão formada pela The Nature Conservancy (TNC) em parceria com agências governamentais, organizações comunitárias, cientistas e grupos locais, com o objetivo de responder rapidamente aos danos causados aos recifes de corais do Havaí por tempestades tropicais e furacões. Essa rede foi estabelecida após a implementação da primeira apólice de seguro para recifes de corais nos Estados Unidos. A Hawai'i Emergency Reef Restoration Network utiliza os pagamentos do seguro para reparar e restaurar rapidamente os recifes de coral danificados pela tempestade. Ao proteger a integridade estrutural desses recifes, a apólice não apenas reduz os impactos de marés de tempestade sobre a terra, mas também protege uma parte vital da cultura, do modo de vida e da economia do Havaí.



3 **RETRATOS DAS ENCHENTES** **Brasil**

Mapeamento sobre os riscos e impactos das enchentes em três territórios periféricos no Brasil. Identificação de soluções locais e comunitárias de Adaptação. Trata-se de uma pesquisa liderada pelo Instituto Decodifica e feita por quem sofre com o racismo ambiental, trazendo os saberes e experiências de quem é diretamente impactado pelas mudanças climáticas.



4 **PAVIMENTAÇÃO ECOLÓGICA**

Pará, Brasil

Solo permeável, água livre de contaminação e a redução da sensação térmica de calor. Essas são algumas das vantagens da pavimentação ecológica. A Cidade de Belém e especialmente as suas ilhas correm o risco de ter seu solo contaminado e impermeabilizado pelo asfalto. O projeto surge a partir de uma demanda de comunidades da Ilha Caratateua.



5 **PERIFERIA SEM RISCO**

Recife, Brasil

Iniciativa desenvolvida pelo GRIS Espaço Solidário em parceria com o Departamento de Geografia da UFPE, na Vila Arraes. Tem como objetivo promover o engajamento comunitário para prevenir e mitigar os riscos provenientes de eventos climáticos extremos, especialmente chuvas e inundações. A ação abrange desde o mapeamento participativo das áreas de risco no território até a criação de redes de comunicação comunitária para alerta precoce, além da organização de brigadas locais de acolhimento e resposta rápida para apoiar famílias afetadas. Trata-se de uma estratégia de gestão comunitária de risco que fortalece a autonomia dos moradores, articula saberes locais e acadêmicos, e promove a construção coletiva de soluções para a segurança climática nas periferias.



6 **REFRESCA SP**

São Paulo, Brasil

Em parceria com a prefeitura de SP, o Instituto Alana tem provocado a ampliação dos espaços verdes nas escolas, como medida de Adaptação ao calor. O projeto, batizado de Refresca SP, tem o objetivo de transformar a infraestrutura escolar, trazendo a natureza para o centro, e implementar medidas que favoreçam o uso de espaços verdes dentro das escolas e em seus entornos. Com isso, a iniciativa busca ampliar a conexão e o vínculo das crianças e adolescentes com a natureza, o protagonismo em sua conservação e também amenizar os impactos das mudanças climáticas.

7 **MODELO DE GESTÃO CONTRA INUNDAÇÕES**

Holanda

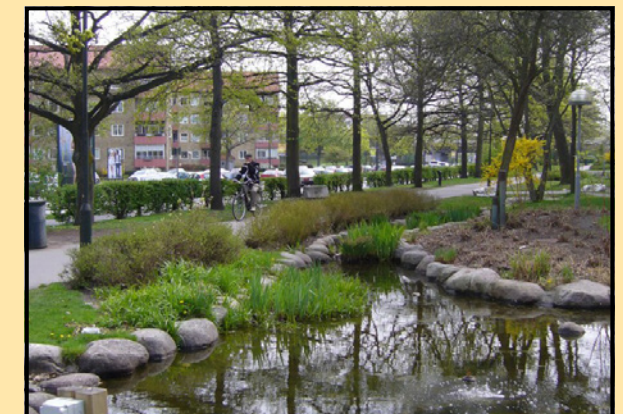
Cidades holandesas são exemplos de Adaptação Climática, com o gerenciamento de risco de inundação, um elaborado sistema de barragens, comportas, barreiras contra tempestades, diques e outras medidas de proteção. O programa Delta e a iniciativa Valuing Water buscam integrar infraestrutura e soluções baseadas na natureza, planejamento urbano e participação pública, com a participação de especialistas em gestão da água, sociedade civil e autoridades de todos os níveis de governo.



8 **GESTÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS**

Suécia

Um exemplo de como o bairro de Augustenborg, em Malmö (Suécia), renovou sua infraestrutura de drenagem urbana com soluções sustentáveis (SUDS): canais, pântanos de retenção e telhados verdes para conter inundações recorrentes, recuperar áreas degradadas e tornar o espaço mais resiliente às chuvas intensas.



9 **J-ADAPT TOOLKIT**

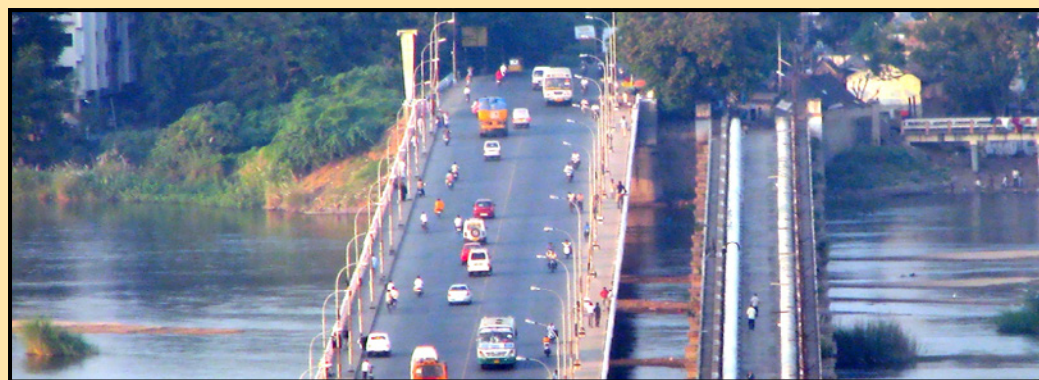
Quênia

O J-ADAPT Toolkit é uma ferramenta inovadora desenvolvida pelo Environmental Change Institute (ECI) da Universidade de Oxford, em colaboração com a Howden Foundation. Com abordagem de Adaptação Climática Justa, o J-ADAPT é uma plataforma de código aberto que integra dados sobre vulnerabilidades sociais e locais de comunidades com análises de riscos naturais, como secas e inundações. Isso permite que investidores, seguradoras e governos identifiquem em tempo real as comunidades mais necessitadas de apoio, facilitando a alocação de recursos. Atualmente, o J-ADAPT está sendo testado no Quênia, com a intenção de expandir seu uso para outras regiões do Sul Global.



10 **SEEDS** **Índia**

A Sustainable Environment and Ecological Development Society é uma organização indiana que contribui para que comunidades vulneráveis construam resiliência. Para identificar residências em risco ao calor extremo em Nova Délhi, uma ferramenta inovadora combina mapeamento térmico baseado em IA, imagens de satélite e dados meteorológicos locais. Após identificar 1.450 lares mais vulneráveis, a SEEDS trabalhará na instalação de soluções naturais de resfriamento para aumentar o conforto térmico das edificações, além de colaborar com autoridades locais para defender a adoção dessa abordagem em outras regiões do país. A iniciativa inclui o treinamento dos moradores em técnicas de isolamento de telhados capazes de reduzir as temperaturas internas em até 6 a 8 graus Celsius, utilizando sacos de juta, esteiras de bambu e trepadeiras verdes.



11 **TRANSFORMANDO ESTRADAS NA ÁFRICA** **Etiópia**

A MetaMeta Research recebeu investimento da Global Resilience Partnership para transformar a forma como as estradas são planejadas e construídas na Etiópia e Quênia, introduzindo projetos inovadores e diretrizes aprimoradas para coletar água da chuva, prevenir a erosão do solo e melhorar o uso da terra à beira da estrada.



12 **AEROPORTO DE TUVALU** **Ilha do Oceano Pacífico**

Propõe soluções como drenagem subterrânea, monitoramento da umidade e técnicas de engenharia adaptadas a atóis costeiros. Estudo mostra como o aumento do nível do mar e flutuações no lençol freático estão danificando a pista do aeroporto de Funafuti, causando deformações, bolhas, sulcos e rachaduras. Os danos à infraestrutura aeroportuária de Tuvalu podem afetar significativamente os aspectos econômicos e sociais da comunidade.

TRABALHO E EMPREGO ADAPTADOS



1 **MULHERES RECEBEM SEGURO PARA NÃO TRABALHAR EM DIAS DE CALOR EXTREMO** **Índia**

A Climate Resilience for All (CRA) é uma ONG liderada por mulheres dedicada a fortalecer e apoiar mulheres e comunidades vulneráveis contra os impactos do calor extremo. Por meio da iniciativa de Seguro e Meios de Subsistência para Choques Climáticos Femininos (WCSI), fornece apoio de renda diretamente às mulheres que trabalham no setor informal quando há ondas de calor prejudiciais. As temperaturas sufocantes acionaram o seguro e a assistência em dinheiro, fornecendo subsídios para 50 mil mulheres que trabalham no setor informal em três estados da Índia.

CAPACITAÇÃO PARA ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA

1 **MUNICÍPIOS VERDES** **Honduras**

Capacitação sobre Adaptação Climática com governos locais. A iniciativa busca preencher a lacuna de conhecimento e linguagem sobre Adaptação nas municipalidades, oferecendo espaços de capacitação e intercâmbio entre responsáveis ambientais e setores de saúde e cultura para integrar as plantas medicinais em planos locais de Adaptação, além de apoiar a formulação de projetos alinhados a soluções baseadas na natureza e sua conexão com fundos climáticos globais.



2 **REDR UK** **Afeganistão e Somália**

A RedR UK é uma ONG dedicada ao fortalecimento de capacidades humanitárias. Por meio do trabalho em rede, capacita trabalhadores humanitários para enfrentar desafios climáticos em regiões propensas à seca na Somália e no Afeganistão. Os treinamentos abordam resposta à seca, gestão e planejamento de resiliência, com o objetivo de desenvolver ainda mais os trabalhadores de linha de frente em áreas de alto risco climático. O programa apoiado pela Howden Foundation busca reduzir a dependência de assistência externa, ao mesmo tempo em que empodera atores locais para gerenciar os desafios climáticos de forma independente. Isso inclui fornecer habilidades para realizar avaliações de risco e adotar ações preventivas, com um enfoque crítico em abordagens sensíveis ao gênero frente às mudanças climáticas.



3 **ASHDEN CLIMATE SOLUTIONS** **Quênia e Uganda**

A Ashden Climate Solutions (Ashden) atua para impulsionar a inovação climática no Reino Unido e no Sul Global. O trabalho com pessoas deslocadas em campos de refugiados no norte do Quênia e em Uganda inclui financiamento direto, assistência técnica e apoio em comunicação para nove organizações lideradas por refugiados, ajudando-as a expandir seu trabalho e atrair a atenção de doadores, investidores e da comunidade de financiamento climático. O programa foca em soluções que ofereçam às comunidades acesso a tecnologias energéticas limpas, confiáveis e acessíveis, que permitam adaptar-se às mudanças climáticas e aumentar a resiliência à seca e ao calor extremo, como irrigação solar, redução de desmatamento e sistemas de resfriamento doméstico.

4 **OBSERVATÓRIO DO CALOR** **COMPLEXO DO ALEMÃO** **Rio de Janeiro, Brasil**

Uma parceria da ONG Voz das Comunidades e Secretaria do Meio Ambiente e Clima do Rio de Janeiro para monitoramento do calor na favela, com espaço para debate e busca de soluções baseadas na natureza com protagonismo dos moradores. O projeto prevê a seleção e treinamento de seis residentes do Complexo do Alemão como pesquisadores, promovendo a geração cidadã de dados. Esses pesquisadores locais, de diferentes idades e vivências, serão equipados com termômetros digitais e capacitação técnica para monitorar a temperatura em pontos estratégicos da favela três vezes ao dia.



Programas de apoio a projetos

Teia de Soluções

Esta chamada busca práticas inovadoras que adotem Soluções Baseadas na Natureza (SBN) como estratégia central para fortalecer os municípios costeiros e/ou áreas impactadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul (Brasil)

Regenera RS

Fundo filantrópico-catalítico para impulsionar soluções inovadoras e mudanças sistêmicas, construindo um Rio Grande do Sul muito mais resiliente e preparado para o futuro

- **Africa Adaptation Acceleration Program: Programa AAAP da GCA**
- **Adaptation Fund Climate Innovation Accelerator: Catálogo de soluções**
- **Casos de Adaptação da ONU: Notícias do AF Climate Innovation Accelerator**



- **UNEP Map Hub de Adaptação: Projetos de Adaptação definidos pela UNEP**
- **Regional Platform for catalyzing Resilience and Climate Action in the Caribbean**

BANCO DE INSPIRAÇÕES
A Adaptação Climática está viva nos territórios! Para acessar o banco de cases atualizado com essas e outras soluções inspiradoras, clique aqui ou acesse pelo QR Code



VOZES: QUEM OUVIR



Adelheid Herrmann, Alasca/Estados Unidos

Pesquisadora Dena'ina Athabaskan, Universidade do Alasca Fairbanks

Seu trabalho se concentra na Adaptação às mudanças climáticas em comunidades rurais e indígenas do Alasca, promovendo o fortalecimento local, a resiliência e o planejamento de Adaptação em colaboração com governos tribais. Ex-membro da Câmara dos Representantes do Alasca, ela também atua no Conselho de Anciãos da Universidade do Pacífico do Alasca.

Publicações e referências:

Building Capacity of Rural Communities to Respond and Adapt to Climate Change

Contato: hrmcfarland@alaska.edu • Contato de imprensa: hrmcfarland@alaska.edu

Site: uaf-accap.org



Adelle Thomas, Bahamas

Diretora Sênior de Adaptação no Natural Resources Defense Council (NRDC)

Trabalha na interface entre ação climática e desenvolvimento, focando na redução de vulnerabilidade, limites à Adaptação Climática e a relação entre clima e desafios socioeconômicos de pequenos estados insulares. É vice-presidente do Grupo de Trabalho II do IPCC e autora principal do Relatório Especial do IPCC sobre 1,5°C e do Sexto Relatório de Avaliação.

Publicações e referências:

What Could a New Adaptation Finance Goal Look Like?

Contato: adelle.thomas@ub.edu.bs

Site: nrdc.org



Ana Mulio Alvarez, Espanha

Consultora de Políticas Públicas da E3G

(Third Generation Environmentalism)

Trabalha na integração da Adaptação e resiliência nos sistemas financeiros e na diplomacia climática.

Publicações e referências:

Pathways Towards Resilience

Contato: ana.mulio@e3g.org

Site: e3g.org



Andréia Coutinho, Brasil

Diretora Executiva do Centro Brasileiro de Justiça Climática (CBJC),

membro do Conselho de Adaptação para a COP30

Especialista em justiça climática, com foco nas intersecções de gênero, raça e classe na agenda de clima no Brasil. Atua na promoção da equidade social dentro das políticas e estratégias de Adaptação, contribuindo para inclusão e reconhecimento das populações vulneráveis.

Publicações e referências:

Quem precisa de justiça climática?

Contato: andreia@cbjc.com.br

Site: cbjc.com.br



Ali Shareef, Maldivas

Enviado Especial para Mudanças Climáticas, Gabinete do Presidente, Maldivas

Profissional de políticas climáticas que integra a ciência na tomada de decisões sobre Mitigação e Adaptação a secas, inundações e elevação do nível do mar. Contribuiu para o IPCC AR6 como Autor Principal, além de participar de Comunicações Nacionais, NDCs e outros relatórios climáticos.

Publicações e referências:

Climate Envoy Urges to Harness Ocean Resources for Renewable Energy

Contato: ali.shareef@po.gov.mv

Site:



Avinash Persaud, Barbados

Assessor Especial do BID, membro do Conselho de Adaptação para a COP30

É um dos idealizadores da "Iniciativa Bridgetown", na agenda internacional de reformas financeiras. Participou do Grupo de Peritos de Alto Nível sobre Finanças Climáticas das presidências das COP26, COP27 e COP28 e integra o Grupo de Peritos Independentes sobre Dívida, Natureza e Clima.

Publicações e referências:

Breaking the deadlock on climate-The Bridgetown initiative

Contato: avinashp@iadb.org

Site: Bridgetown Initiative

VOZES: QUEM OUVIR



Carlos Lopes, Guiné-Bissau

Ex-subsecretário-geral das Nações Unidas e enviado climático da COP30 para a África

Professor na Universidade da Cidade do Cabo (UCT), é uma das principais vozes africanas em Adaptação, resiliência e transformação estrutural.

Publicações e referências:

Project Syndicate: Strengthening Africa's Climate Resiliency

Contato: carlos.lopes@uct.ac.za

Site: africacheetah.run



Diosmar Filho, Brasil

Geógrafo, Pesquisador Sênior da Associação de Pesquisa Iyaleta

Especialista em estudos sobre ordenamento territorial urbano, coordenando pesquisas para a formulação de estratégias de implementação da Adaptação Climática, que elimine as desigualdades sociais no contexto urbano da Amazônia Legal e Região Nordeste, com a promoção do fomento científico para a governança climática nos municípios do Brasil.

Publicações e referências:

Adaptação climática: uma intersecção Brasil 2030

Contato: diosmarfilho@iyaleta.org

Site: iyaleta.org



Friederike Otto, Alemanha/Reino Unido

Professora de Ciências Climáticas no Centro de Políticas Ambientais do Imperial College London

Cientista alemã que vive no Reino Unido, lidera o World Weather Attribution. É professora no Grantham Institute, Imperial College London. Especialista em atribuição de eventos extremos e vulnerabilidade.

Publicações e referências:

Angry Weather: Heat Waves, Floods and the Climate Science of Extreme Events

Contato: f.otto@imperial.ac.uk • Contato de imprensa: wwamedia@imperial.ac.uk

Site: imperial.ac.uk/grantham



Hindou Oumarou Ibrahim, Chade

Presidente da Association of Peul Women and Autochthonous Peoples of Chad e integrante do UN Secretary-General's Advisory Group on Climate Change

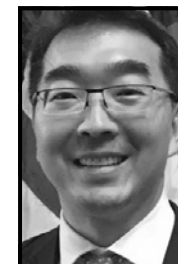
Reconhecida por sua defesa da adaptação baseada em conhecimentos tradicionais.

Publicações e referências:

Discurso na Cúpula Global sobre Crescimento Inclusivo (2023)

Contato: hindou.o.ibrahim@gmail.com

Site: hindouibrahim.com



Jay Koh, Estados Unidos

Cofundador e Managing Director do Lightsmith Group

Cofundou o primeiro fundo de investimento global dedicado à Adaptação climática. Atua na criação de mercados e métricas para transformar a Adaptação em ativo financeiro mensurável.

Publicações e referências:

The Lightsmith Group's Adaptation Investment Strategy

Contato: info@lightsmithgdp.com

Site: lightsmithgdp.com



Jorge Gastelumendi, Peru

Diretor Sênior do Centro de Resiliência Climática do Conselho Atlântico

Lidera iniciativas focadas em resiliência comunitária, Adaptação ligada ao calor extremo e mobilização do setor privado para fortalecer a Adaptação global, especialmente na América Latina e Caribe.

Publicações e referências:

An invitation to governments to mobilise private finance for adaptation and resilience

Contato: jgastelumendi@atlanticcouncil.org

Site: atlanticcouncil.org

VOZES: QUEM OUVIR



José Marengo, Brasil

Coordenador Geral de Pesquisa no CEMADEN, membro do Conselho de Adaptação para a COP30

Especialista em modelagem climática e vulnerabilidade, contribui para IPCC desde o Segundo Relatório (1998). Participou da formulação de políticas públicas no Brasil, auxiliando em planos nacionais de Adaptação e comunicação para Adaptação sobre impactos do Brasil na UNFCCC.

Publicações e referências:

Vulnerabilidade, impactos e Adaptação às mudanças climáticas no semi-árido do Brasil

Contato: jose.marengo@cemaden.gov.br

Site:



Lina Yassin, Sudão

Pesquisadora de Políticas Climáticas no Instituto Internacional para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (IIED)

Pesquisadora sudanesa, atua na área de diplomacia climática no Reino Unido e presta apoio técnico ao Grupo de Países Menos Desenvolvidos (Least Developed Countries) na (UNFCCC) em negociações de Adaptação climática. É Mestre em Mudança e Gestão Ambiental pela Universidade de Oxford.

Publicações e referências:

Reenquadrando a adaptação transformacional na UNFCCC

Contato: lina.yassin@iied.org

Site: iied.org



Markus Repnik, Áustria

Diretor do Systematic Observations Financing Facility (SOFF)

Lidera esforços para garantir que todos os países tenham sistemas de observação meteorológica e climática operantes até 2030.

Publicações e referências:

SOFF Action Report 2024

Contato: soffsecretariat@wmo.int

Site: un-soff.org



Maria del Pilar Bueno Rubial, Argentina

Diretora Executiva da Fundação Argentina 1.5 e advisor do Grupo SUR

Doutora em Relações Internacionais, tem experiência como negociadora de Adaptação na UNFCCC. Ex-Secretária de Mudanças Climáticas da Argentina e subsecretária de Mudanças Climáticas de Rosário. É referência internacional sobre temas-chave como o Objetivo Global de Adaptação (GGA) e financiamento para Adaptação.

Publicações e referências:

Documento Técnico CoCoA. De Bakú a Bonn: estado de situación y propuestas

Contato: pilarbuenorubial@gmail.com

Site: arg1punto5.com



Mattias Söderberg, Dinamarca

Líder Global de Clima da DanChurchAid

Porta-voz sobre mudanças climáticas da DanChurchAid, onde o engajamento político e público se baseia em experiências de projetos climáticos realizados em campo na África, no Oriente Médio e na Ásia.

Publicações e referências:

Climate Publications - DanChurchAid

Contato: msd@dca.dk • WhatsApp/Signal +45 2970 0609

Site: Climate Action - DanChurchAid



Michael Otoara Ha'apio, Ilhas Salomão

Assessor Nacional de Finanças Climáticas da Commonwealth para o Governo das Ilhas Salomão

Especialista em financiamento e Adaptação climática, com mais de 20 anos de experiência em Adaptação às mudanças climáticas, gestão financeira, Adaptação comunitária, planejamento nacional de ações climáticas e investimentos do setor privado.

Publicações e referências:

Climate Change Adaptation on Small Island States: An Assessment of Limits

Contato: mhaapio@gmail.com

Site:

VOZES: QUEM OUVIR



Mikko Ollikainen, Finlândia

Chefe do Fundo de Adaptação desde 2020

Com experiência em financiamento para Adaptação, especialmente com projetos e programas em países em desenvolvimento, supervisiona o portfólio de mais de 200 projetos em mais de 100 países.

Publicações e referências:

Scaling up climate adaptation: lessons from the Adaptation Fund

Contato: mollikainen@adaptation-fund.org

Site: adaptation-fund.org



Natalie Unterstell, Brasil

Presidente do Instituto Talanoa, membro do Conselho de Adaptação para a COP30

Com trajetória na formulação de políticas públicas no Brasil e experiência na negociação climática internacional, fomenta a articulação entre setores público, privado e sociedade civil para ampliar ações pela Adaptação Climática. Como presidente do Instituto Talanoa, coordena estudos, recomendações e mobilizações em prol da Adaptação transformadora.

Publicações e referências:

"A Adaptação Climática é coletiva e deve ser o novo normal"

Contato: natalie@institutotalanoa.org

Site: institutotalanoa.org



Richard Klein, Alemanha

Pesquisador sênior do Stockholm Environment Institute (SEI)

Veterano em ciência e política de Adaptação, Richard se dedica ao papel da Adaptação em acordos globais e desafios institucionais, coordenando pesquisas para integrar a Adaptação em políticas internacionais e sistemas socioeconômicos.

Publicações e referências:

European Climate Risk Assessment

Contato: richard.klein@sei.org

Site: sei.org



Rumaitha Al Busaidi, Omã

Cientista marinha. Vice-Presidente da

Environment Society of Oman

Cientista marinha, trabalhou com projetos de Adaptação costeira, intrusão de água salgada em sistemas agrícolas e desenvolvimento de sistemas integrados de aquicultura em Omã. Defensora dos direitos das mulheres.

Publicações e referências:

TED Talk Women and girls, you are part of the climate solution

Contato: rumaitha.albusaidi@gmail.com

Site: rumaithaalbusaidi.com



Sara Jane Ahmed, Filipinas/Bangladesh

Diretora do Financial Futures Center, Consultora Financeira do V20

para o Fórum de Vulneráveis Climáticos e Ministros das Finanças

e membro do Conselho de Adaptação para a COP30

Especialista em finanças climáticas para países vulneráveis, contribui para o fortalecimento da capacidade adaptativa, mobilizando recursos financeiros e impulsionando políticas econômicas.

Publicações e referências:

Climate finance key to economic resiliency

Contato: sahmed@ieefa.org

Site: financialfutures.ngo/about-us



Shameran Bahar Abed, Bangladesh

Diretor-executivo da BRAC International

Lidera a BRAC, uma das maiores organizações de desenvolvimento do mundo. Coordena programas de Adaptação local liderada por comunidades, com foco em agricultura resiliente e microfinanças verdes.

Publicações e referências:

BRAC Good Practices on Climate Change Adaptation and Mitigation

Contato: info@bracinternational.org

Site: bracinternational.org

VOZES: QUEM OUVIR



Sineia Wapichana, Brasil

Coordenadora do Comitê Indígena de Mudanças Climáticas, enviada especial da COP30 e co-presidente do Fórum Internacional de Povos Indígenas sobre Mudanças do Clima (Caucus). Liderança indígena pioneira na articulação entre conhecimento tradicional e ciência para a Adaptação. Lidera esforços para inserir as vozes indígenas nas negociações climáticas globais.

Publicações e referências:
Planos de Adaptação Indígenas em Roraima

Contato: sineiadovale_39@hotmail.com
Site:



Stephane Hallegatte, França

Economista-Chefe de Clima do Bando Mundial. Pesquisador em economia do desenvolvimento resiliente e de baixa emissão, integrando as mudanças climáticas em modelos macroeconômicos e avaliações de pobreza. Autor principal do Quinto Relatório de Avaliação do IPCC. Coordena o Country Climate and Development Report, o novo diagnóstico do Grupo Banco Mundial.

Publicações e referências:
Lifelines: The Resilient Infrastructure Opportunity

Contato: shallegatte@worldbank.org
Site: worldbank.org



Timo Leiter, Alemanha/Reino Unido

Distinto Policy Fellow na London School of Economics and Political Science. Um dos principais especialistas em monitoramento e avaliação da Adaptação e referência por trás da construção de indicadores para o Objetivo Global de Adaptação (GGA). Um dos autores-coordenadores principais das diretrizes técnicas para avaliação da Adaptação no âmbito do IPCC AR7, e atua como autor principal do Relatório de Lacunas de Adaptação do PNUMA desde 2017.

Publicações e referências:
Global progress on adaptation implementation

Contato: t.l.leiter@lse.ac.uk
Site: lse.ac.uk/granthaminstitute



Victoria Herrmann, Estados Unidos

Pesquisador Sênior e Membro do Grupo de Liderança do The Arctic Institute. Lidera pesquisas sobre Adaptação comunitária, desenvolvimento resiliente e geopolítica no Ártico. Explorador da National Geographic, estuda o deslocamento induzido pelas mudanças climáticas e a preservação do patrimônio cultural.

Publicações e referências:
Holding Hope and Grieving Loss in the New Normal of Arctic Climate Change

Contato: victoria.herrmann@thearcticinstitute.org
Site: thearcticinstitute.org



Virgilio Viana, Brasil

Diretor-Geral da Fundação Amazônia Sustentável (FAS). Engenheiro florestal com doutorado em Harvard, ex-Secretário de Meio Ambiente do Amazonas e membro do Conselho de Adaptação da COP30. Lidera projetos de Adaptação Climática com povos e comunidades tradicionais e de conservação florestal na Amazônia.

Publicações e referências:
Amazônia Negra: adaptação climática como reparação histórica

Contato: virgilio.viana@fas-amazonas.org
Site: fas-amazonia.org



Xiaoming Wang, Austrália/China

Professor, Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Monash University; Ex-Cientista Principal Sênior no Commonwealth Scientific and Industrial Research Organisation (CSIRO). Lidera pesquisas sobre impactos e Adaptação às mudanças climáticas, gestão de riscos, planejamento e políticas públicas voltadas para lidar com extremos climáticos em cidades, áreas costeiras e regiões de alta montanha.

Publicações e referências:
Resilience and Adaptation in Buildings

Contato: xiaoming.wang@monash.edu
Site: raseconsulting.com

QUEM PAUTA ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA



BRAC Internacional

Uma das maiores organizações de desenvolvimento do mundo, com atuação em países da Ásia e da África. A partir de uma rede global vem ampliando o foco em soluções de Adaptação Climática, promovendo práticas agrícolas resilientes, segurança alimentar, gestão de riscos e fortalecimento da capacidade das comunidades

CLIMATE
RESILIENCE
FOR ALL

Climate Resilience for All (CRA)

ONG liderada por mulheres, dedicada a fortalecer e apoiar mulheres e comunidades vulneráveis diante dos impactos do calor extremo.

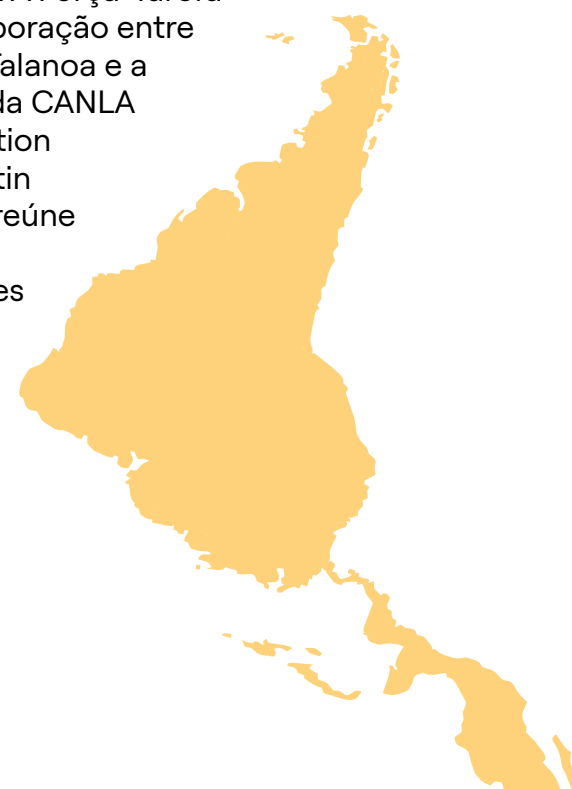
Fundación Avina

Organização latino-americana que opera por meio de parcerias entre lideranças sociais, empresariais, comunidades tradicionais e governos. No campo da Adaptação Climática, tem desenvolvido projetos em regiões vulneráveis, apostando em estudos de vulnerabilidade climática e sistemas agroflorestais diversificados para aumentar a segurança alimentar e a resiliência climática de comunidades tradicionais, quilombolas e agricultores familiares



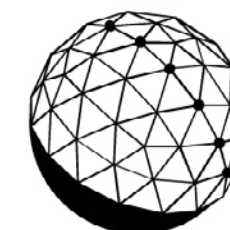
Força-Tarefa de Adaptação como Prioridade na COP30

Iniciativa latino-americana que atua para avançar a Adaptação nas negociações climáticas, analisando e produzindo documentos e recomendações estratégicas para as delegações. A Força-Tarefa é uma colaboração entre o Instituto Talanoa e a Secretaria da CANLA (Climate Action Network Latin America) e reúne mais de 40 organizações da região



Global Center on Adaptation (GCA)

Organização internacional que trabalha para acelerar ações de Adaptação às mudanças climáticas



GLOBAL
CENTER ON
ADAPTATION

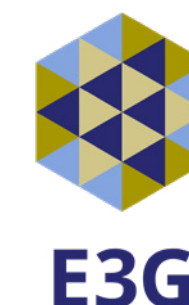


Grupo de Financiamiento Climático de Latinoamérica y el Caribe (GFLAC)

Organização da sociedade civil e acadêmica que atua para fortalecer a transparência e a responsabilização no financiamento climático, promovendo evidências para melhorar políticas e práticas na América Latina e Caribe

E3G

Think tank internacional que impulsiona a transição para um mundo de baixo carbono e resiliente. Integra gestão de riscos, resiliência e justiça climática em políticas públicas e investimentos. Atua com governos, bancos de desenvolvimento e organismos multilaterais para ampliar a resposta aos impactos climáticos



Humanity Insured

A Humanity Insured é uma nova organização independente, apoiada pelo setor de seguros, cuja missão é oferecer soluções de seguro acessíveis e a preços justos para pessoas que vivem na linha de frente da crise climática

International Institute for Environment and Development (IIED)

Organização de pesquisa política que trabalha para gerar evidências e desenvolver capacidade para impulsionar mudanças em políticas e práticas





Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (IISD)

Desenvolvem as estratégias, ferramentas e assessoria política. Secretaria da Rede Global do

Plano Nacional de Adaptação (NAP) e trabalha para aprimorar a implementação de soluções climáticas baseadas na natureza para Adaptação com a Iniciativa Natureza para Adaptação Climática

Laboratório da Cidade

Think and Do tank focada em pensar na transformação das cidades mais sustentáveis, democráticas e resilientes, com foco na construção de resiliência da Amazônia Urbana



Start Network

Rede com mais de 100 agências humanitárias que trabalham juntas para revolucionar o sistema humanitário global existente, oferecendo apoio antecipado e eficaz às pessoas que vivem na linha de frente das crises, com respostas rápidas antes e durante a ocorrência de desastres

PowerShift Africa

Think tank que fornece análises e ideias políticas focadas em soluções a partir de uma perspectiva africana, com o objetivo de mobilizar a ação climática na África, amplificar as vozes africanas por meio de maior visibilidade na mídia e na comunicação pública, e alavancar essa voz internacionalmente



POWER SHIFT
A F R I C A



World Resources Institute (WRI)

Organização global de pesquisa que trabalha com meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Fornece dados, análises e recomendações para ajudar a informar políticas e práticas sustentáveis em todo o mundo

MATERIAIS ÚTEIS

PRODUÇÕES DE ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL

- [Adaptação Climática como prioridade para América Latina e Caribe](#)
- [Boletim da Seca Extrema nas Terras Indígenas da Amazônia Brasileira](#)
- [Boletins mensais de Adaptação: Assine, Força-tarefa para Adaptação](#)
- [Estrutura dos EAU para a Resiliência Climática Global: Argentina 1.5°](#)
- [Indicadores da Adaptação climática, Talanoa](#)
- [KitClima: Ferramenta para Adaptação municipal, IDS](#)
- [Prioridade para Adaptação na COP30, Força-tarefa para Adaptação](#)
- [Six ways to scale private finance for climate adaptation](#)

FONTES DE DADOS E COBERTURAS DE REFERÊNCIA

- [Adapt Unbound](#)
- [Banco Mundial: Guia de Adaptação climática e resiliência](#)
- [CCNow Extreme Weather Reporting: Extreme Weather](#)
- [Climate Central's Climate Shift Index: Climate Shift Index](#)
- [Constructive Institute: Climate Explorer Project](#)
- [MindWorksLab: Community Adaptation Hub](#)
- [Programa de Trabalho Nairobi: UNFCCC Adaption Knowledge Portal](#)
- [SciLine's Extreme Weather: Wildfires and climate change](#)
- [South Climate Database](#)
- [World Weather Attribution: Avaliações em tempo real](#)

REDES GLOBAIS

- [Climate Action Network \(CAN\): Climate Action Network](#)
- [Global Commission on Adaptation: Sobre a Comissão](#)
- [Global Resilience Partnership: Site oficial](#)
- [National Global Network: Global Stocktake e processos de NAP](#)
- [weADAPT: Plataforma colaborativa global](#)

PRINCIPAIS FUNDOS PARA FINANCIAMENTO EM ADAPTAÇÃO

- [Adaptation Fund \(AF\)](#)
- [Green Climate Fund \(GCF\)](#)
- [Fundo Clima](#)
- [Fundo Global para o Meio Ambiente \(GEF\)](#)

EVENTOS FOCADOS EM ADAPTAÇÃO GLOBAL

- [Adaptation Research Network: CBA19](#)
- [NAP Expo: NAP Expo 2025 | UNFCCC](#)

COMO COBRIR ADAPTAÇÃO NA COP30



A Adaptação estará em todas as frentes da COP30: nos discursos da Cúpula de Líderes, nas salas de negociação, na agenda de ação, na mobilização global e nos anúncios de novos compromissos de financiamento. A cobertura deve capturar essas várias camadas.

CÚPULA DE LÍDERES

Esperam-se anúncios de novos compromissos financeiros, coalizões temáticas e iniciativas intergovernamentais em áreas como segurança alimentar, sistemas de alerta precoce e infraestrutura verde. O Brasil quer posicionar Belém como a COP que converte discurso em direção política, dando o tom para o restante das negociações.

Quando: 5 a 7 de novembro, antes da abertura oficial

Pauta para jornalistas: Quais líderes incluirão Adaptação em seus discursos? Quais países com compromissos que expiram em 2025 ou 2026 anunciarão novos recursos?

NEGOCIAÇÕES

O foco estará em três pontos principais:

- **Indicadores do GGA:** definir e aprovar até 100 indicadores globais que permitam medir o progresso coletivo da Adaptação, incluindo financiamento, tecnologia e capacitação.
- **Sucessor da meta de Glasgow:** substituir o compromisso de dobrar o financiamento até 2025 por um novo incentivo coletivo, como “triplicar até 2030”.
- **NAPs:** concluir a avaliação dos Planos Nacionais de Adaptação e revisar suas diretrizes técnicas para apoiar países em implementação.

Quando: Durante as duas semanas de COP30

Pauta para jornalistas: Será possível aprovar os indicadores e o novo incentivo financeiro? O financiamento se tornará o impasse central?





MOBILIZAÇÃO GLOBAL

A ação fora das negociações é essencial para sustentar decisões políticas. A iniciativa *Early Warnings for All*, apoiada pelo Secretário-Geral da ONU e pela Presidência da COP30, tornou-se símbolo de ação antecipatória. Outras campanhas, como *Beat the Heat*, devem ganhar força com soluções práticas e escaláveis.

Quando: Ao longo da COP, com destaque para 10 e 11 de novembro, dias dedicados a eventos sobre Adaptação e resiliência

Pauta para jornalistas: Quais iniciativas conectam ação global e impacto local? Quais governos ou cidades estão mostrando resultados concretos?

AGENDA DE AÇÃO

Propostas sobre como governos subnacionais, instituições financeiras e empresas podem contribuir com projetos e investimentos resilientes. O debate se concentra em como integrar resiliência a investimentos já existentes — em infraestrutura, saúde, energia e agricultura — e evitar projetos “mal adaptados”. Há expectativa de novos fundos temáticos, instrumentos de blended finance e padrões de resiliência em grandes obras.

Quando: durante as duas semanas de COP; atenção especial nos dias 10 e 11 de novembro, dedicados a eventos de Adaptação e resiliência

Pauta para jornalistas: explore como a COP incentiva prefeitos, empresários e bancos a agir – e se há mecanismos de monitoramento real

ADAPTAÇÃO NÃO É OPCIONAL

A COP30 será o teste decisivo da credibilidade climática: os governos precisam proteger as pessoas e ecossistemas dos impactos já existentes. Sinais positivos:

● Adaptação como prioridade

A Presidência da COP30 já priorizou a Adaptação como tema central, rompendo com décadas de invisibilidade. Foi criado um Conselho Especial de Adaptação da COP30, com nomes como a ex-primeira-ministra da Nova Zelândia, Helen Clark, e a ex-presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf, para elevar o perfil e garantir que os resultados sejam concretos e visíveis também na Cúpula de Líderes

● Decisões relevantes

Pela primeira vez, a agenda de Adaptação chega à COP com vários itens de decisão, sinal da urgência trazida pelos impactos já sentidos

Os principais itens de agenda

● Indicadores do GGA (o “placar” da Adaptação)

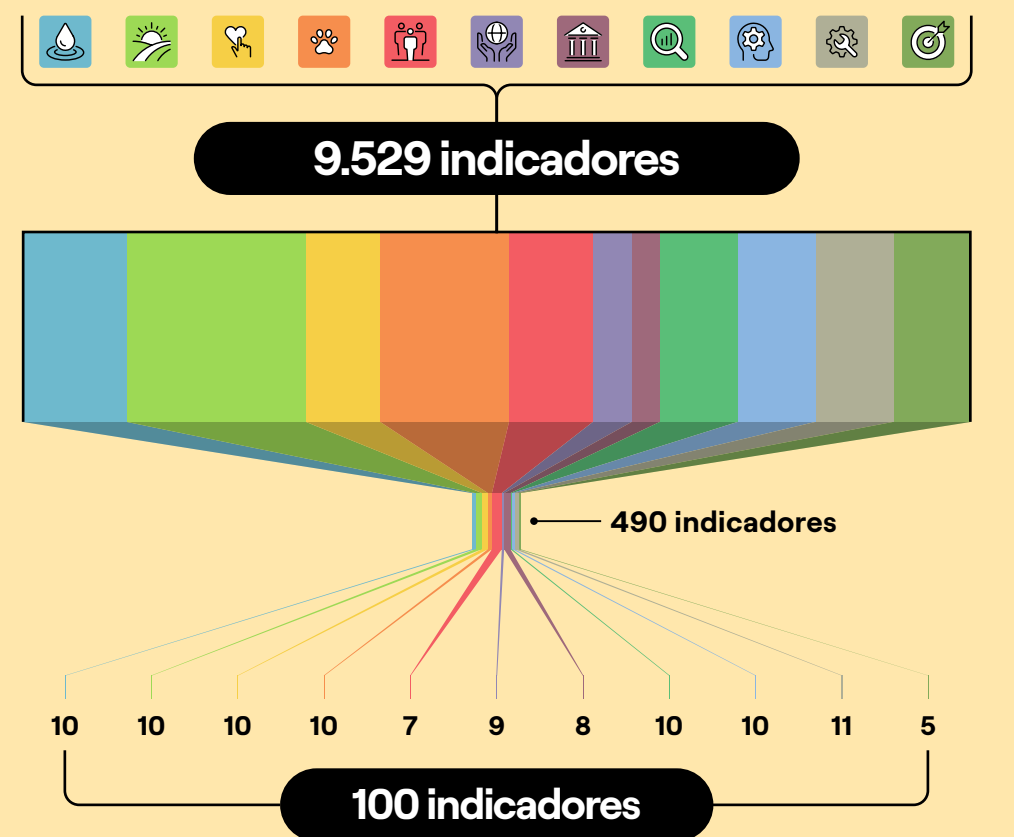
Quando o Acordo de Paris foi firmado em 2015, ele reconheceu que enfrentar a crise climática exigia mais do que cortar emissões. Era preciso também fortalecer a capacidade de Adaptação, isto é, proteger vidas, ecossistemas e economias dos impactos que já estão em curso. Assim, ao lado da mitigação e dos meios de implementação, a Adaptação entrou como um dos pilares centrais do acordo, com uma mirada global: garantir que todos os países, especialmente os mais vulneráveis, possam reagir e se preparar para um mundo mais quente.

O Objetivo Global de Adaptação (GGA) é o mecanismo criado pelo Acordo de Paris para impulsionar o progresso coletivo em Adaptação. Em outras palavras, para tornar o mundo mais preparado e menos vulnerável. Na COP27, o GGA ganhou um quadro de trabalho com sete grandes metas de resiliência. Mas, até hoje, a diplomacia do clima mediu sucesso em toneladas de carbono evitadas, não em vidas protegidas ou sistemas fortalecidos. Foi desenhada para administrar emissões, não impactos.

Espera-se que a COP30 em Belém possa corrigir esse desequilíbrio, através da adoção de um conjunto de 100 indicadores, no âmbito do GGA e suas 7 metas temáticas.

Isso marcará um novo patamar: a partir de então, a eficácia das políticas climáticas poderá ser medida não apenas pelo quanto reduzem emissões, mas também pelo quanto protegem vidas.

Desde Dubai (COP28), os países avançam na definição de até 100 indicadores globais, flexíveis o bastante para refletir diferentes contextos, mas claros o suficiente para gerar avaliações no agregado. Em Belém, espera-se que as Partes cheguem a um consenso sobre o conjunto de indicadores do GGA.



Pontos-chave

Até 100 indicadores globais, com um "menu flexível" para contextos nacionais

Devem medir segurança real
menos exposição a riscos, serviços funcionando, comunidades mais resilientes

Financiamento dentro do pacote
acesso e qualidade do financiamento de Adaptação, tecnologia e capacidade local

● Financiamento (o "combustível")

Outro assunto inadiável, ainda que não tenha um item formal de agenda, é o financiamento da Adaptação. O chamado feito em Glasgow, na COP26, para ao menos dobrar o financiamento de Adaptação até 2025, chega ao fim agora, sem clareza sobre o que vem depois.

Os países em desenvolvimento defendem um sucessor, ou seja, um novo incentivo político coletivo que mantenha viva a ambição de ampliar os recursos. Já os países desenvolvidos atravessam um momento sensível: quatorze compromissos plurianuais de financiamento público, incluindo os de Canadá, Alemanha, França, Japão, Reino Unido e Austrália, expiram entre 2025 e 2026.

Com a saída dos Estados Unidos das promessas de Glasgow, restam treze potenciais financiadores ativos. Até outubro de 2025, apenas a Dinamarca havia confirmado um novo orçamento com meta específica para Adaptação. Os demais permanecem em silêncio, e é isso que Belém precisa destravar.

O fim do compromisso de Glasgow cria um vazio de previsibilidade que ameaça a confiança entre países e a prioridade da Adaptação dentro do novo objetivo global de financiamento (NCQG) acordado em Baku. A discussão é qual será o sucessor desse compromisso:

■ O grupo dos Países Menos Desenvolvidos (LDCs) apresentou proposta de triplicar o financiamento até 2030.

■ O G77 ainda não encampou oficialmente essa proposta.

■ O grupo africano (AGN) sinaliza que não quer fechar em um número fixo para evitar que seja visto como um "teto" ao invés de um piso.

■ Até agora, nenhum país desenvolvido apresentou proposta própria para suceder o compromisso de Glasgow.

■ Em Bonn, houve uma compreensão cada vez maior de que dobrar o financiamento até 2025 não será suficiente, e há pressão por algo mais ambicioso, como triplicar.

■ A maior parte do financiamento para Adaptação vem de instituições públicas internacionais. A OCDE projetou uma queda anual de 9% a 17% na assistência oficial ao desenvolvimento em 2025, além de uma redução de 9% em 2024, segundo comunicado em junho. A expectativa é que a assistência volte aos níveis de 2020 até 2027.

■ O NRDC fez um mapeamento das opções para esse resultado na COP.

O que observar: quais países confirmarão ou renovarão orçamentos climáticos até Belém e quais incluirão metas específicas de financiamento para Adaptação; se o Baku–Belém Roadmap abordará o tema de forma explícita; e se a COP 30 aprovará um novo incentivo coletivo, como o “triplicar até 2030”, para manter a Adaptação no centro da agenda financeira global.

● Planos Nacionais de Adaptação (NAPs)

Os NAPs são o principal instrumento dos países para planejar e executar medidas de Adaptação de médio e longo prazo – algo como “planos diretores climáticos” nacionais.

Eles não serão o tema mais politizado da conferência (ainda que não tenha sido possível obter qualquer consenso a seu respeito na última COP), mas são o braço operacional da agenda de Adaptação. Até agora, cerca de 70 países submeteram seus NAPs à UNFCCC, mas menos da metade estava realmente implementando ações em escala.

Nos encontros de Bonn (SB62), foi retomada a negociação sobre o que se chama de “NAP assessment”, uma revisão coletiva para ver até que ponto os países avançaram na formulação e implementação de seus NAPs.

Essa avaliação deveria ter sido concluída na COP29, mas não houve consenso. Agora quer-se um resultado robusto em Belém que reconheça os esforços feitos, identifique lacunas e ajude a orientar apoio adicional.

Também se está discutindo atualização das diretrizes técnicas para formular e implementar NAPs, com consultas adicionais às Partes. O SBI (Subsidiary Body for Implementation) acordou continuar a análise do tema NAPs na SBI 63, em Belém, com base no rascunho de texto de SB62, de modo que um rascunho de decisão possa ser recomendado para adoção na COP30.

O que observar: Se haverá compromissos de apoio técnico e capacitação para países que ainda não finalizaram seus planos, especialmente os mais vulneráveis (LDCs e SIDS). Diretrizes simplificadas podem diminuir barreiras de participação, especialmente para países menores ou com menos recursos. Se um texto de decisão sobre NAPs sair da COP30, ele pode orientar o apoio futuro de instituições multilaterais e bilaterais.

TEMAS EMERGENTES A MONITORAR

● Adaptação + mitigação

Não é “ou/ou”. Redes elétricas, água, saúde e cidades precisam de Adaptação para a transição funcionar

● Dados e observação

Sem estações, alertas e séries históricas (ex.: iniciativas como sistemas de alerta precoce para todos), promessas viram suposições

● Impactos invisíveis

Saúde mental, migração interna, crianças fora da escola por calor/fumaça/enchente – pauta quente e sub coberta

● Geopolítica

Adaptação entra no léxico de segurança nacional; financiamento vira moeda diplomática

O QUE OBSERVAR (PERGUNTAS DIRETAS PARA ENTREVISTAS)



Quais países anunciarão novos compromissos financeiros?



Há metas específicas para Adaptação ou apenas promessas gerais?



O “triplicar até 2030” terá apoio político suficiente para ser adotado em decisão da COP?



O Baku–Belém Roadmap trará Adaptação como eixo explícito?



O Brasil está articulando o tema com países doadores e grupos do Sul Global?



Como o financiamento chegará a cidades e comunidades vulneráveis?



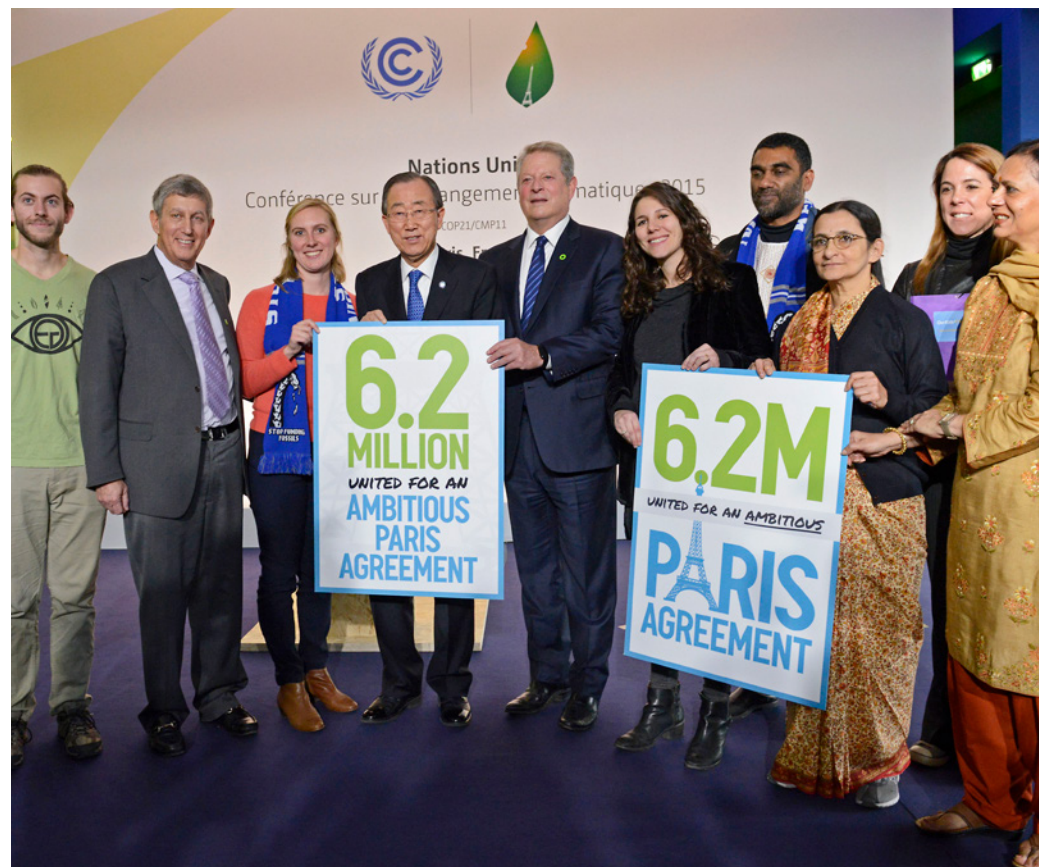
Haverá decisão sobre diretrizes atualizadas dos NAPs?



Como a presidência da COP30 vai manter Adaptação como prioridade política após Belém?

Como cobrir o GGA na COP30

A Adaptação será um dos temas mais visíveis em Belém, e o Objetivo Global de Adaptação (GGA, na sigla em inglês) será o seu eixo central. Jornalistas que cobrirem as negociações devem se concentrar em como o mundo definirá e medirá a resiliência pela primeira vez. Ao contrário de outros eixos de trabalho, o GGA oferece uma narrativa concreta: um longo processo técnico chegando a uma conclusão política.



POR QUE É UMA HISTÓRIA

Oito anos após o Acordo de Paris, o mundo está prestes a decidir como medir proteção — não apenas poluição. O GGA é o teste que mostrará se a diplomacia climática pode passar de contar carbono para contar vidas. Se os países tiverem sucesso em Belém, o legado da COP30 será um novo “placar global” da resiliência — um sistema que finalmente mostrará se as promessas de proteger os mais vulneráveis estão sendo cumpridas.

O QUE OBSERVAR

- **A adoção dos indicadores**
Os países conseguirão aprovar o conjunto completo de 100 indicadores? Quais indicadores permanecem em disputa, especialmente os relacionados a financiamento e tecnologia? Há tentativas de enfraquecer a lista mantendo métricas essenciais como opcionais?
- **A ligação com o financiamento para Adaptação**
Os países concordam em conectar o GGA à nova meta global de financiamento climático? A decisão final reflete uma meta coletiva, como triplicar o financiamento para Adaptação até 2030?
- **Implementação e responsabilização**
Existe um processo claro para a elaboração de relatórios nacionais e agregação global? Há prazos definidos para revisão e aprimoramento dos indicadores?
- **Vozes a acompanhar**
Países que lideram a agenda de Adaptação, incluindo os PMDs (Países Menos Desenvolvidos), os PEIDs (Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento), o Grupo Sul e o Grupo Africano de Negociadores. A Presidência da COP30, que posicionou a Adaptação como o legado central de Belém. Agências da ONU e organizações de dados que apoiarão a medição e o relatório dos indicadores.

ABORDAGENS E ENQUADRAMENTOS POSSÍVEIS

- **Um novo placar da resiliência** É a primeira vez que os países medirão a Adaptação de forma sistemática, passando de histórias de sucesso pontuais para uma responsabilização global.
- **A política das métricas** O acordo sobre como contabilizar o financiamento de Adaptação pode redefinir a confiança entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.
- **Dados e justiça** Quem será medido — e quem ficará de fora — revelará o quão inclusivo é o esforço global de Adaptação.
- **Do técnico ao político** A negociação final do GGA testará se os países conseguem transformar consenso científico em ação coletiva.



EM RESUMO

- **Propósito**
Tornar a Adaptação mensurável no âmbito do Acordo de Paris
- **Cronograma**
Fase técnica (2023–2025) sob o Programa de Trabalho Emirados–Belém
- **Escopo**
11 objetivos globais, 100 indicadores
- **Questões centrais**
Indicadores sobre financiamento, comparabilidade de dados e relatórios nacionais
- **Próximo passo**
Adoção na COP30 e implementação por meio da Roteiro Baku–Belém

Como cobrir o financiamento para Adaptação na COP30

Embora não seja um item formal da agenda, o financiamento para Adaptação será inevitavelmente um dos temas principais. O compromisso de Glasgow, feito na COP26 — de dobrar o financiamento para Adaptação até 2025 — expira na COP30, sem sucessor definido.

Os países em desenvolvimento pedem uma nova meta política coletiva para manter a ambição, enquanto os países desenvolvidos enfrentam restrições fiscais internas.

Catorze compromissos plurianuais importantes — incluindo os de Canadá, Alemanha, França, Japão, Reino Unido e Austrália — expirarão entre 2025 e 2026. Após a retirada dos Estados Unidos de suas promessas de Glasgow, restam apenas treze países doadores ativos. Até outubro de 2025, apenas a Dinamarca confirmou um novo orçamento com meta específica para Adaptação; os demais permanecem em silêncio.

Espera-se que Belém destrave esse impasse. O fim do compromisso de Glasgow cria um perigoso vácuo de previsibilidade — minando a confiança entre países desenvolvidos e em desenvolvimento e ameaçando retirar a Adaptação da agenda financeira global, mesmo sob a nova Meta Coletiva Quantificada (NCQG) acordada em BaKu.

PROPOSTAS EM DISCUSSÃO INCLUEM

- O Grupo dos Países Menos Desenvolvidos (PMDs) defende triplicar o financiamento para Adaptação até 2030
- O G77 ainda não adotou uma posição oficial
- O Grupo Africano de Negociadores (AGN) prefere não definir um número fixo, para evitar que ele seja interpretado como teto, e não como piso
- Até agora, nenhum país desenvolvido apresentou proposta própria

Nas reuniões intermediárias de Bonn, surgiu um consenso crescente de que dobrar até 2025 é insuficiente, e que uma meta coletiva mais ambiciosa é necessária — provavelmente o quadro de triplicar até 2030.

Enquanto isso, a OCDE projeta uma queda temporária de 9% a 17% ao ano na assistência oficial ao desenvolvimento (ODA) até 2025, com níveis que não devem retornar aos patamares de 2020 antes de 2027 — ampliando ainda mais o déficit no financiamento para Adaptação.

FOCO PARA JORNALISTAS

- ✓ Quais países confirmam ou renovam orçamentos climáticos antes da COP30?
- ✓ Quais incluem metas específicas para Adaptação?
- ✓ O Roteiro Baku–Belém priorizará explicitamente a Adaptação?
- ✓ A COP30 adotará uma nova meta coletiva – como **“triplicar até 2030”** – para manter a Adaptação no centro do financiamento climático global?

Como cobrir os Planos Nacionais de Adaptação (NAPs) na COP30

Os NAPs são o principal instrumento por meio do qual os países planejam e implementam medidas de Adaptação de médio e longo prazo – essencialmente, planos diretores climáticos nacionais.

Embora sejam menos politizados que o financiamento ou o GGA, constituem o braço operacional da agenda de adaptação.

Até meados de 2025, cerca de 70 países haviam submetido NAPs à UNFCCC, mas menos da metade os implementa em larga escala.

Durante as reuniões de Bonn (SB62), foram retomadas as negociações sobre a Avaliação dos NAPs – uma revisão coletiva do progresso na formulação e execução desses planos.

Originalmente prevista para adoção na COP29, a revisão foi adiada por falta de consenso.

Na COP30, os negociadores buscam um resultado robusto que reconheça avanços e identifique lacunas de apoio, orientando futuras formas de assistência.

As Partes também discutem atualizações nas diretrizes técnicas para elaboração e implementação dos NAPs, tornando-as mais práticas e acessíveis.



Olá, eu sou a Noa, a IA coletiva do Instituto Talanoa. Estou aqui para ajudar você a entender melhor as políticas climáticas do Brasil. Para responder suas perguntas, uso os documentos produzidos pelos projetos da Talanoa, como a Política por Inteiro e seus monitores. Você pode me encontrar em

noa.institutotalanoa.org



REALIZAÇÃO

Instituto Talanoa

APOIO

Fundación Avina

Howden Foundation

Climate Emergency Collaboration Group

CURADORIA DE JORNALISTAS DE REFERÊNCIA

Andreza Baré

Ariene Susui Wapichana

Bernardo Esteves

Jaqueline Sordi

Marcelo Leite

Tais Gadea Lara

*As imagens usadas em **Adaptação Climática: Guia para Cobertura Jornalística** são ilustrativas e provenientes de fontes públicas e jornalísticas, utilizadas apenas para fins educativos e sem finalidade comercial*

